Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.09, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v9i1.3967

ANÁLISE FINANCEIRA DOS BANCOS COMERCIAIS BRASILEIROS NO PERÍODO DE 2011 A 2017

FINANCIAL ANALYSIS OF BRAZILIAN COMMERCIAL BANKS FROM 2011 TO 2017

Renata Pereira Sena
Bacharela em Administração pela Faculdade FACELI (Linhares),
E-mail: renatasenap@gmail.com

Ricardo Silveira da Paixão
Economista, Mestre em Economia e Professor efetivo da Faculdade FACELI (Linhares-ES)
E-mail: rsdpaixao@gmail.com

Recebido: 01/05/2025 – Aceito: 15/05/2025

RESUMO

O artigo tem como objetivo realizar uma análise financeira dos 13 bancos comerciais brasileiros ainda existentes no período de 2011 a 2017, frente a um contexto histórico em que o país possuía uma estrutura muito mais ampla de bancos comerciais. Ao longo do tempo, muitas dessas instituições encerraram atividades, fundiram-se ou transformaram-se em bancos múltiplos e de outras modalidades. Utilizando indicadores de liquidez, rentabilidade e endividamento, o estudo avalia o desempenho econômico-financeiro de bancos como B3, Banco da Amazônia e Banco Máxima. Os dados, extraídos de balanços e entrevistas com especialistas, revelam forte concentração no setor, com destaque para o Banco B3. O artigo conclui que, apesar da perda de espaço, os bancos comerciais seguem relevantes, mas precisam se adaptar à digitalização e à concorrência das fintechs para sobreviver no mercado financeiro atual.

Palavras Chaves: Bancos; Finanças; Rentabilidade; Liquidez; Endividamento

ABSTRACT

The article aims to perform a financial analysis of the 13 Brazilian commercial banks that still existed between 2011 and 2017, in a historical context in which the country had a much broader structure of commercial banks. Over time, many of these institutions ceased operations, merged, or transformed into multiple banks and other

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.09, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v9i1.3967

types of banks. Using liquidity, profitability, and debt indicators, the study assesses the economic and financial performance of banks such as B3, Banco da Amazônia, and Banco Máxima. The data, extracted from balance sheets and interviews with experts, reveal a strong concentration in the sector, with Banco B3 standing out. The article concludes that, despite the loss of space, commercial banks remain relevant, but they need to adapt to digitalization and competition from fintechs to survive in the current financial market.

Keywords: Banks; Finance; Profitability; Liquidity; Debt

1 INTRODUÇÃO

Um sistema financeiro é a junção de vários agentes que utilizam muitos instrumentos financeiros com opções de oferecer alternativas de aplicação e captação de recursos, buscando desenvolver o país e manter sua economia estável. Dentre os agentes que realizam a intermediação entre os poupadores e os investidores estão os bancos. Os bancos pertencem a um sistema bancário, que é um conjunto de instituições bancárias, pertencem a esse sistema os bancos múltiplos, bancos de investimento, bancos de desenvolvimento e os bancos comerciais, principal objeto de estudo deste trabalho.

Os bancos comerciais foram os primeiros bancos a surgir no país, principalmente após a vinda da família real para o Brasil em 1808. Porém, no decorrer dos anos o número de instituições foram decrescendo e atualmente há apenas 19 bancos comerciais[1]. Diante disso, levantou-se a necessidade de analisar a situação financeira dos bancos comerciais brasileiros e buscar descobrir as causas da queda do número de bancos. Importante citar que os bancos estrangeiros não estão incluídos na análise devido aos muitos debates[2] positivos e negativos que esses trazem para o país

[1] Inclui bancos nacionais privados e públicos e estrangeiros com filial no país.
[2] De acordo com Oliveira, Schiozer e Leão (2012) estes bancos aumentam o desenvolvimento financeiro do país, melhorando a supervisão bancária e solidez do sistema, no entanto, estes também pode prejudicar o crescimento econômico, desestabilizando o sistema financeiro; transferindo os choques econômicos dos seus países de origem para o país em que operam;

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.09, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v9i1.3967

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo geral estudar a viabilidade econômica dos bancos comerciais brasileiros no período de 2011 a 2017, este período é baseado no surgimento e extinção das instituições e também na conformidade dos dados, acompanhado dos seguintes objetivos específicos: estudar o histórico dos bancos comerciais e seu papel junto ao Sistema Financeiro Nacional; diagnosticar a situação financeira dos bancos comerciais brasileiros e identificar os elementos que contribuíram para a redução da quantidade de bancos comerciais brasileiros.

Importante comentar, antes de abordar sobre a estrutura do trabalho, que este resumo faz parte de uma obra maior e que desse modo possui uma divisão em três partes. O trabalho foi dividido em três capítulos, sendo que no primeiro capítulo será feita uma abordagem a respeito do Sistema Financeiro Internacional e Sistema Financeiro Nacional (SFN), bem como sua atual estrutura e seu histórico. O segundo capítulo fará uma abordagem sobre os bancos comerciais e bancos comerciais brasileiros. No terceiro capítulo será analisado os bancos comerciais utilizando os instrumentos de análise financeira, será feita uma análise baseada em três dimensões: liquidez, rentabilidade e endividamento. Na dimensão liquidez será analisado o índice de liquidez corrente (ILC); no endividamento, o índice de participação de terceiros (IPT) e índice de cobertura de juros (ICJ) e na dimensão rentabilidade serão utilizados o lucro por ação, dividendo por ação e retorno sobre patrimônio líquido. Além dessas, serão analisados o lucro líquido, patrimônio líquido, índice da Basiléia e créditos recuperáveis. Além dos três capítulos citados, é contemplado no trabalho a introdução e as considerações finais.

O presente trabalho possui como método a pesquisa bibliográfica e o método indutivo. De acordo com Gil (2010), a pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado, como livros, revistas, teses e dissertações. Para Lakatos e Marconi (2010, p. 68) indução “[...] infere-se a uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas. Portanto, o objetivo dos argumentos indutivos é levar a conclusões cujo conteúdo é mais amplo do que o das premissas”.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.09, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v9i1.3967

Foi realizado a análise financeira dos seguintes bancos: Banco da Amazônia, B3, Alfa, Arbi, Agibank, Finaxis, Máxima, Rendimento, Western Union. Além disso, foi realizada entrevista com a economista Melissa Modeneze[3] e o economista Eduardo Araújo[4]. Foi feito contato através de telefonema e e-mails com os bancos comerciais brasileiros juntamente com o Banco Central para obtenção de informações e dados no sentido de ajudar no desenvolvimento do trabalho. Destaca-se ainda que a análise financeira de um banco é de extrema importância para a tomada de decisão, que em muitas vezes irá definir a saúde financeira do banco e a sua continuidade no Sistema Financeiro Nacional.

2 SISTEMA FINANCEIRO INTERNACIONAL

Um sistema financeiro compreende um conjunto de instituições financeiras que asseguram a transferência de recursos de agentes superavitários, aqueles que possuem recursos, para os agentes deficitários, aqueles que precisam de recursos (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2018)[5].

Segundo Brito (2013) um dos fatores que influenciam a economia dos países é o mercado financeiro internacional. O mercado financeiro internacional é formado por componentes, sendo eles as instituições públicas e privadas, instituições de fomento ao desenvolvimento comercial, órgãos normalizadores e fiscalizadores, Fundo Monetário Internacional e agente dos mercados de capitais.

Ao longo dos anos o Sistema Financeiro Internacional sofreu muitas transformações, influenciadas principalmente pela globalização. A criação de bancos centrais aconteceu por volta do século IXX até o século XX devido à necessidade de maior normatização e controle das atividades bancárias. Além desse acontecimento, houve a criação do BIS em 1930, o BIS[6] é o banco de compensação entre bancos

[3] Economista e consultora financeira formada em ciências econômicas pela Universidade Federal do Espirito Santo.
[4] Mestre em economia pela Universidade Federal do Espirito Santo.
[5] Informações extraídas do site do Banco Central do Brasil e as informações complementares se encontram nas referências bibliográficas.
[6] *Bank Of International Settlements.*

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.09, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v9i1.3967

centrais que busca promover a cooperação internacional entre os bancos centrais, é a mais antiga instituição financeira internacional (BRITO, 2013).

A estrutura do Sistema Financeiro Internacional atualmente é formada pelas autoridades monetárias, estas elaboram as normas de política monetária, cambial, fiscal e de fluxo de capitais. As autoridades normativas têm como principal entidade normativa o Banco Central, que executa ou auxilia nas políticas monetárias, cambial e fiscal. Há nessa estrutura a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) que é responsável por normatizar e fiscalizar o mercado da bolsa de valores. Há também as entidades que atuam no ramo de seguro, previdência e de fomento (BRITO, 2013).

As autoridades fiscalizadoras têm o Banco Central como destaque e possui como objetivo assegurar a adequada aplicação das normas e regras por partes das instituições. As instituições públicas possuem funções como execução de orçamento público estadual e federal. As instituições privadas atuam na intermediação financeira e prestam serviço aos consumidores dos serviços financeiros em seu país. As instituições financeiras auxiliares complementam as atividades das instituições (BRITO, 2013).

O contexto histórico abordado anteriormente sobre o Sistema Financeiro Internacional leva a conclusão de que a regulação dos sistemas financeiros, tanto nacional quanto internacional deve ser aprimorada constantemente, tendo em vista as mudanças que aconteceram e que ainda irão acontecer. Partindo dessa ideia, a seguir será apresentado o Sistema Financeiro Nacional, suas transformações e estrutura atual.

2.1 SISTEMA FINANCEIRO NACIONAL

No Brasil, o Sistema Financeiro Nacional (SFN) começa a ganhar robustez nos grandes centros a partir da chegada da família real em 1808. Após esse período o

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.09, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v9i1.3967

sistema financeiro no país passou por diversas modificações, segundo Rippel (2002), a origem do sistema financeiro brasileiro ocorreu através da criação do Banco do Brasil[7] em 1808 com a permissão de Dom João VI.

De acordo com Rippel (2002) no ano de 1947 surge o primeiro projeto de lei para a Reforma Bancária, pelas mãos do então ministro da fazenda Pedro Luís Correia e Castro. Diante disso, vários outros projetos de reforma foram enviados a Câmara Federal. Os anos 60, segundo Gremaud, Vasconcelos e Toneto Junior (2014), foi marcado por uma crise e depois houve consideráveis mudanças institucionais que foram importantes para que o país se recuperasse. A crise na década 60 se deu devido a uma queda dos investimentos e a taxa de crescimento da renda brasileira.

A reforma definitiva no Sistema Financeiro Nacional aconteceu em 1964 pela lei nº 4.595 de 31 de dezembro de 1964, que ficou conhecida como a Lei da Reforma Bancária, inspirada no modelo norte-americano. Rippel (2002) afirma que com a reforma o sistema financeiro ficou mais segmentado, onde cada instituição financeira se tornava responsável por determinada atividade. De acordo com Gremaud, Vasconcelos e Toneto Junior (2014) a atual estrutura do Sistema Financeiro Nacional conta com o Conselho Monetário Nacional, que é o órgão normativo do sistema, Banco Central do Brasil que é o órgão executor das políticas monetárias e a Comissão de Valores Mobiliários, órgão normativo do mercado de capitais.

O SFN é composto por instituições que possuem depósito à vista em seu passivo como o Banco do Brasil, bancos comerciais, caixas econômicas, bancos múltiplos, bancos cooperativos. Faz parte também as instituições não captadoras de depósito à vista como os bancos de investimento, desenvolvimento, as financeiras, instituições do sistema financeiro imobiliário. A atual estrutura do sistema financeiro foi construída através de um conjunto de leis durante os anos de 1964 a 1973.

Para manter a estabilidade bancária no SFN foi preciso criar normas, segundo Metzner e Matias (2015), as normas gerais para medir a capacidade dos bancos de realizar empréstimos ficaram conhecidas como Acordo da Basiléia[8] I, essas normas

[7] Sua função era garantir a emissão de moeda para que as necessidades da coroa fossem atendidas.
[8] Este acordo foi assinado em Basiléia, na Suíça, em 1988 por bancos centrais de países com as

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.09, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v9i1.3967

surgiram da preocupação com a solvência e estabilidade do Sistema Financeiro Internacional pelo Banco Central dos bancos centrais.

Em 2001, foi divulgado o Acordo da Basiléia II[9], que tinha como objetivo dar maior solidez ao Sistema Financeiro Internacional. Vieira; Pereira, Heider e Pereira, Wilton (2012, p. 152) dizem que com o Acordo da Basiléia II "Medidas fiscalizadoras e regulatórias foram ampliadas, focalizando maior segurança, estabilidade e transparência para o sistema financeiro mundial".

O Acordo da Basiléia III surgiu após a crise financeira mundial de 2008. Segundo o Banco Central do Brasil (2018) a crise demonstrou que os acordos "[...] Basiléia I e II mostraram-se insuficientes para impedir a alavancagem excessiva dos Bancos [...]". No Brasil o acordo da Basiléia III vem sendo implantado desde 2013 através de resoluções, circulares e cartas circulares.

Uma das consequências do Acordo da Basiléia no país foi à redução do número de instituições bancárias, conforme Vieira; Pereira, Heider e Pereir, Wilton (2012, p. 153),

> No Brasil, assim como outros países da América Latina, sob inspiração ou pelo reconhecimento tácito da urgência em atender as recomendações de Basiléia, experimentou significativa redução do número de instituições financeiras bancárias, com queda no número de postos de trabalho do setor.

Em 1994 foi implantado o Plano Real, oito anos após o início de uma fase de experimentalismo que se iniciou com o Plano Cruzado, em 1986, para depois passar pelo Cruzado Novo (1986), Plano Bresser (1987), Plano Verão (1989), Plano Collor I (1990) e Plano Collor 11 (1991) (CYSNE; FARIA, 1997, p.7).

Para Vieira; Pereira, Heider e Pereira, Wilton (2012) uma nova moeda em vigor controlou o processo inflacionário, com drástica redução da inflação. Gremaud, Vasconcelos e Toneto Junior (2015) afirmam que devido à perda inflacionária as operações de crédito dos bancos foram expandidas e houve elevação nas tarifas cobradas sobre os serviços prestados logo após a implementação do plano.

---

maiores economias mundiais (VIEIRA; PEREIRA, H; PEREIRA, W, 2012).

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.09, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v9i1.3967

Para Vieira; Pereira, Heider e Pereira, Wilton (2012), várias foram às transformações que mudaram os métodos e as práticas da atividade bancária no Brasil, dentre elas, a globalização, o Plano Real, a abertura econômica, as regulamentações no mercado bancário, e as mudanças ocorridas na área da tecnologia da informação.

Para Garcia e Fernandes (1993) as reformas essenciais se iniciaram no ano de 1988 decorrentes da criação do banco múltiplo, o que facilitou a criação de novas instituições financeiras, já que foi extinta a carta patente, essa mudança ocorrida revogou o espírito da reforma financeira que aconteceu em 1964.

As mudanças presentes no Sistema Financeiro Nacional foram importantes para que se chegasse a atual estrutura do sistema financeiro. A nova lei permitiu maior controle sobre os mercados e sobre a política monetária e maior controle sobre as instituições presentes no Sistema Financeiro Nacional. Na próxima etapa será contemplado a atual estrutura do sistema financeiro.

2.1.1 Composição atual do Sistema Financeiro Nacional

As instituições financeiras são de grande importância para o sistema financeiro, tendo em vista que são os principais responsáveis pela circulação da moeda, a falta dessas instituições pode desestabilizar a economia. Segundo a Constituição Federal (BRASIL, 2016. p.144),

> Art. 192. O Sistema Financeiro Nacional, estruturado de forma a promover o desenvolvimento equilibrado do País e a servir aos interesses da coletividade, em todas as partes que o compõem, abrangendo as cooperativas de crédito, será regulado por leis complementares que disporão, inclusive, sobre a participação do capital estrangeiro nas instituições que o integram.

O Sistema Financeiro Nacional é responsável pela manutenção do desenvolvimento do sistema financeiro brasileiro. O Banco Central do Brasil propõe uma estrutura composta por órgãos normativos, supervisores e operadores. O órgão normativo do SFN é o Conselho Monetário Nacional[10], órgão máximo e tem como

[10] A lei que instituiu a criação do Conselho Monetário foi à lei 4595/65. É composto pelo Ministro da Fazenda, como Presidente do Conselho, Ministro do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão e o Presidente do Banco Central do Brasil. A atual composição é formulada pela lei 9069/95 de 29 de junho de 1995 (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2018).

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.09, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v9i1.3967

responsabilidade a formulação da política da moeda e do crédito, tem como objetivo manter a estabilidade da moeda e do desenvolvimento econômico e social do país (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2018).

Os órgãos supervisores são compostos pelo Banco Central do Brasil, órgão executor da política monetária, Comissão de Valores Mobiliários sendo o órgão normativo do mercado de capitais, e a Superintendência de Seguros Privados que protege a captação de poupança popular, esses são responsáveis para que os integrantes do Sistema Financeiro Nacional sigam as regras definidas pelos órgãos normativos (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2018).

Os órgãos operativos são intermediários financeiros, sendo formado pelos bancos comerciais, cooperativas de crédito, caixa econômica, bancos de desenvolvimento, bancos de investimento, sociedades de crédito imobiliário, associações de poupança e empréstimo, sociedades distribuidoras de títulos e valores mobiliários, sociedades corretoras de títulos e valores mobiliários, sociedades de arrendamento mercantil e bancos múltiplos (GREMAUD; VASCONCELOS; TONETO JUNIOR, 2014).

Fortuna (2013) diz que as instituições financeiras podem ser classificadas em monetárias, não monetárias e auxiliares. Conforme Metzner e Matias (2015) as instituições monetárias são aquelas que têm como propósito multiplicar a moeda, ou seja, recebem depósito à vista[11]. As não monetárias são aquelas que realizam a intermediação da moeda, ou seja, trabalham com ativos não monetários como ações, debêntures, letras de câmbio etc. As instituições auxiliares são compostas por sociedades corretoras de títulos e valores mobiliários, sociedade de arrendamento mercantil e agência de fomento. Além disso, tem como objetivo "[…] propiciar liquidez dos títulos emitidos pelas companhias […]" (SILVA et al, 2016, p. 1022).

Atualmente o Sistema Financeiro Nacional conta com 1706 instituições, sendo o banco múltiplo[12] o líder em quantidade. A intenção de criar um banco múltiplo era realizar a fusão de diversas instituições em uma única instituição. Com isso diversos

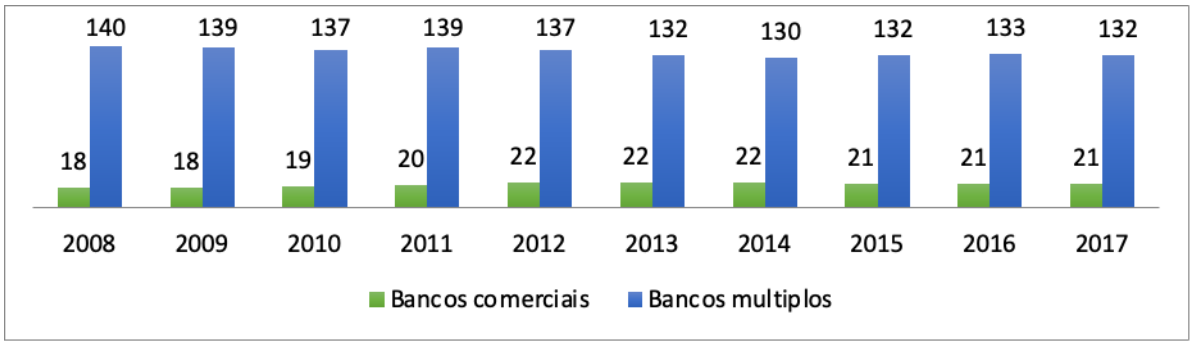
[11] Dinheiro depositado a disposição do cliente, como por exemplo, a poupança.
[12] Foi criado pela Resolução nº 1.524 de 21 de setembro de 1988

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.09, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v9i1.3967

bancos comerciais se tornaram bancos múltiplos (GARCIA; FERNANDES, 1993).

O gráfico a seguir demonstra a variação dos bancos comerciais em relação aos bancos múltiplos ao longo de 10 anos.

Gráfico 1 - Quantitativo de bancos múltiplos e bancos comerciais[13]



Fonte: Elaboração própria.

Nota-se que a quantidade de bancos comerciais ao longo dos últimos 10 anos sempre foi pequena se comparada aos bancos múltiplos. Uma das causas dessa diferença foi a resolução nº 1.524 de 21 de setembro de 1988, que tinha como intenção a criação do banco múltiplo.

Com as inúmeras mudanças e transformações no Sistema Financeiro Nacional ao longo dos anos, ainda assim, esse sistema tem mostrado que está cumprindo seu papel na economia do país, contribuindo para o desenvolvimento nacional. Para maior entendimento sobre o Sistema Financeiro Nacional a próxima etapa irá abordar o sistema bancário brasileiro.

2.2 SISTEMA BANCÁRIO BRASILEIRO

Os bancos são considerados peças fundamentais para a economia e funcionam como intermediadores financeiros, Corazza (2000). O sistema bancário brasileiro atualmente é dividido em instituições financeiras bancárias[14] e não bancárias[15].O

[13] Incluso instituições estrangeiras com filial no país

[14] Permite criação de moeda por meio do depósito à vista.

[15] Não estão legalmente autorizadas a receber depósitos a vista, não podendo criar moeda, essas instituições trabalham com ativos não monetários como ações, letras de câmbio (ASSAF NETO,

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.09, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v9i1.3967

sistema bancário é resultado das principais mudanças ocorridas no país desde a década de 60 que se pode fundamentar em três processos: a reforma bancária em 1964; a reforma da constituição em 1988 e a instabilidade financeira ocorrida em 1995 com o Plano Real, segundo Paula (1998). Segundo Vieira; Pereira, Heider e Pereira, Wilton (2012) até 1905 não havia no país uma regulamentação legal do sistema bancário.

A década de 60 veio para trazer ao país uma nova política, uma nova estrutura financeira. Segundo Andrezo e Lima (2002, p. 33) "[...] até 1964, não havia, no País, uma estrutura legal com a finalidade de regular as atividades desenvolvidas nos mercados financeiros e de capitais". Para os autores existia apenas um conjunto de leis aleatórias sem consistência de uma política única.

A estrutura existente no sistema financeiro se mostrava incapaz de administrar os encargos e responsabilidades existentes da época. Segundo Andrezo e Lima (2014, p. 34)

> No início dos anos 60, a necessidade de reformas financeiras passou a fazer parte da maioria dos diagnósticos econômicos. As reformas consideradas necessárias envolviam a reestruturação do sistema de supervisão e fiscalização do mercado financeiro, bem como o controle da emissão monetária, retirando-se o poder emissor do Banco do Brasil, e a criação de novas instituições financeiras e novos instrumentos de financiamentos, fortalecendo também o mercado acionário.

Para estruturar o Sistema Financeiro Nacional foram criados o Conselho Monetário Nacional e o Banco Central do Brasil e organizado o mercado de capitais. Em 1988 teve uma nova reforma bancária no Brasil em que foi extinta a carta-patente e criado o banco múltiplo. Essa reforma permitiu que os bancos de diferentes carteiras se tornassem uma única instituição, no caso, bancos múltiplos, que para sem criados devem ter pelo menos duas carteiras, sendo que uma deve ser comercial ou de investimento (PAULA, 1998). Na década de 90, quando Fernando Collor foi eleito à presidência, tinha como principal meta diminuir a elevada inflação do país e os insucessos dos planos anteriores[16] que não obtiveram êxitos (METZNER; MATIAS,

2014).
[16] (Cruzado – 1986; Bresser – 1987 e Verão – 1989)

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.09, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v9i1.3967

2015). O governo Collor teve como principais medidas estabelecer uma reforma monetária, administrativa e fiscal.

O impacto do Plano de Collor foi o retrocesso em 1992, pois não conseguiu reduzir a inflação, teve baixa arrecadação de impostos e das elevadas taxas de juros, além de um ambiente político desequilibrado devido ao impeachment do presidente Collor (METZNER; MATIAS, 2015). Assim, coube a Fernando Henrique Cardoso[17] dar um futuro ao Plano Real, que traçou um plano gradual para o país em que, de acordo com Metzner e Matias (2015, p. 86), "[...] não iria recorrer a congelamentos, mas a uma substituição natural de moeda. Além disso, haveria maior preocupação com a correção dos desequilíbrios econômicos".

Sgundo Corazza (2000) o principal impacto que o Plano Real trouxe foi à perda da receita inflacionária, no entanto, apesar da perda da receita e da redução da quantidade de instituições, o Plano Real conseguiu manter o controle interno. Ao final de 1994, o Plano Real sofreu uma grande estabilização devido à crise do México, que resultou em uma reversão brusca dos fluxos de capitais externos (METZNER; MATIAS, 2015).

Diante dessa circunstância o governo resolveu adotar, segundo Paula (1998, p. 6).

> O estabelecimento de incentivos fiscais para incorporação de instituições financeiras; instituição do Programa de Estímulo à Reestruturação e ao Fortalecimento do Sistema Financeiro Nacional (PROER); aprovação do estatuto e regulamento do Fundo de Garantia de Créditos (FGC).

O sistema bancário atual ainda se encontra em processo de transformação, principalmente em decorrência do avanço tecnológico que tornou o acesso a informação muito mais eficiente e o encontro até o cliente final muito mais rápido e fácil. Dentre as muitas instituições presente no sistema bancário, os bancos comerciais em particular foram aos poucos sofrendo as incontáveis dificuldades pelo qual o país passou e ainda irá passar, dessa forma, o próximo capítulo visa detalhar mais a respeito desse tipo de instituição.

3 BANCOS COMERCIAIS

[17] Presidente da República Federativa do Brasil entre 1995 a 2003.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.09, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v9i1.3967

No Brasil a atividade bancária dos bancos comerciais teve início com a vinda da Corte Portuguesa em 1808, nesse período D. João VI para aumentar a liquidez do país criou o primeiro banco, chamado Banco do Brasil. O primeiro banco comercial privado foi o Banco Comercial do Rio de Janeiro surgido em 1838, Muller (2004). Em 1889 com o fim da monarquia, a República adotou a política de crédito expansionista, ao assumir o Ministério da Fazenda da República Rui Barbosa assinou um decreto autorizando a criação dos bancos emissores (MULLER, 2004).

Em 1910 de acordo com Muller (2004, p. 31) "o Brasil republicano permanecia com reduzido número de estabelecimentos bancários. A nação possuía 21 bancos comerciais, sendo 5 estrangeiros e 16 nacionais". Os bancos comerciais foram ao longo do tempo sendo impactados pelas dificuldades na economia brasileira e consequentemente, a quantidade de bancos foi diminuindo e outros tipos de instituições foram sendo criadas, principalmente o banco múltiplo.

Os bancos comerciais para Assaf Neto (2014) são instituições que possuem como objetivo suprir recurso para financiamentos a curto e em médio prazo do comércio, indústria, empresas prestadoras de serviços, pessoas físicas e terceiros. Os bancos comerciais podem realizar a captação de depósitos à vista[18] e a prazo[19].

A reforma bancária nos anos 60 afetou o mercado de atuação dos bancos comerciais com a criação de instituições, por ter uma estrutura ineficiente que não conseguia manter a regularidade do país e com o inchaço de instituições no Brasil, foi necessário reformular a estrutura de modo a adotar políticas de concentração, a ideia era que concentrando o setor bancário automaticamente teriam custos operacionais menores.

[18] O depósito à vista consiste no dinheiro ficar disponibilizado para o cliente, o consumidor pode realizar o saque a qualquer momento. É popularmente conhecido como conta corrente e conta poupança. As instituições que são autorizadas a realizar esse tipo de captação segundo Fortuna (2017) são os bancos comerciais; múltiplos com carteira comercial; caixas econômicas; bancos cooperativos e cooperativas de crédito.

[19] O depósito a prazo consiste no dinheiro aplicado, mas que não pode ser retirado a qualquer instante e sim em uma data planejada anteriormente, como por exemplo, a CDB (certificado de depósito bancário e o RDB (recibo de depósito bancário).

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.09, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v9i1.3967

Essa reformulação trouxe como predominância a especializações das instituições, limitando a atuação dos bancos comerciais que para Rodrigues (1994, p.21) "[...] sempre constituíram a base do sistema financeiro brasileiro". Em decorrências das especializações muitas instituições foram atingidas pela queda de juros fazendo com que bancos comerciais menores não suportassem as mudanças e aos poucos fossem se fundindo com outros bancos maiores, esse processo teve incentivo do Estado que ofereceu vantagens fiscais e benefícios à formação de conglomerados (RODRIGUES, 1994).

> [...] um grande número de empresas pequenas está desaparecendo, não porque elas sejam antieconômicas ou ineficientes. Elas estão desaparecendo porque as grandes instituições pagaram por elas um preço, visando a posicionamentos futuros (MARCARINI, 2007, p. 8).

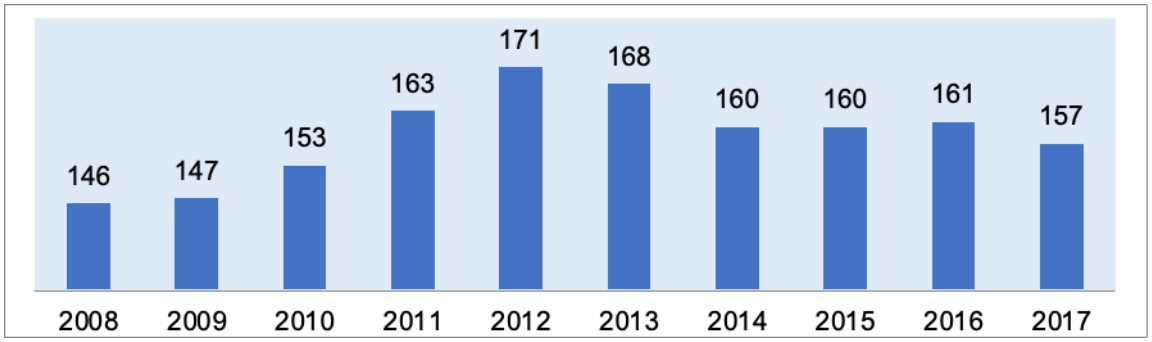
As fusões tiveram maiores incentivos nos anos 70, um dos motivos para o aceleramento de fusões e incorporações de instituições foi à suspensão da carta patente[20] que era considerada barreira para formação de instituições, (RODRIGUES, 1994). A concentração bancária passava cada vez mais a ter incentivo devido à elevação do preço do petróleo e os ajustes na economia e o crescimento bancário deu-se apenas pela abertura de agências.

Analisando uma série histórica de 10 anos no gráfico abaixo, é possível perceber que ao longo dos anos o número de agências no país foi aumentando.

Gráfico 2 – Número de agências dos bancos comerciais no país

[20] Com a carta-patente fora de circulação ficou mais fácil às instituições se agruparem e instituições estrangeiras operarem no país, dificultando o mercado para os bancos comerciais.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.09, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v9i1.3967



Fonte: Elaboração própria.

Sobre a redução dos bancos e o aumento do número de agências, Neto (2000, p. 70) afirma que,

> Houve um grande incentivo por parte do governo nos últimos anos para que esses bancos processassem fusões e incorporações, diminuindo consideravelmente o número de sedes bancárias e promovendo um acentuado incremento na quantidade de agencias.

Para Marcarini (2007) a abertura de novas agências era a melhor forma para expandir a captação de depósitos. Em 1988 o banco múltiplo tornou-se o principal concorrente do banco comercial devido a sua abrangência de produtos e serviços. Sobre a criação do banco múltiplo pela Resolução 1524, de 21.09.88 o Banco Central (2018) afirma que:

> De um enfoque assentado na visão de um sistema financeiro formado por instituições especializadas, condicionadas pela regulamentação a praticarem uma faixa restrita de operações, tomou-se o rumo para um outro tipo, mais próximo do sistema constituído pelas chamadas "instituições universais". Neste, as instituições, embora diferenciadas entre si na organização funcional e administrativa, na condução dos negócios e na escala de operações, apresentam em comum o fato de, independentemente dessas diferenças, poderem oferecer todos os serviços financeiros.

A principal distinção entre bancos múltiplos e bancos comerciais está na quantidade de carteiras[21] a serem trabalhadas, o banco múltiplo possui uma área de atuação muito mais ampla do que o banco comercial. Os bancos múltiplos, Metzner e Matias (2015) e De Paula (1998), surgiram com o objetivo de minimizar custos devido à quantidade de bancos em relação aos recursos disponíveis, além disso, foi criado

[21] Conjunto de produtos e área de atuação.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.09, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v9i1.3967

para desregulamentar o Sistema Financeiro Nacional e colocar fim na compartimentação legal que consiste em dividir um espaço.

Com a perda de espaço, situação econômica brasileira e ainda a pressão do Estado em fusões e incorporações, os bancos comercias se viram reprimidos no mercado, e com muita dificuldade em lidar com a concorrência se fundiram a bancos múltiplos.

> Se os bancos são instituições financeiras como quaisquer outras e não desempenham funções específicas, provavelmente estejam com os dias contados. Caso contrário, se os bancos desempenham funções específicas ou são instituições de natureza especial, seu futuro ainda não está determinado (CORAZZA, 2000, p. 106).

De modo geral, os elementos que impactaram os bancos comerciais foram a crises na exportação do café; criação do banco múltiplo; posteriormente pela abertura comercial no início dos anos 90; privatizações ocorridas e as resoluções criadas nos anos anteriores pelo Conselho Monetário Nacional que limitou a captação de depósitos desses bancos.

Até o ano de criação dos bancos múltiplos existiam 104 bancos comerciais, antes de 1900 existiam apenas dois bancos comerciais públicos e não existiam bancos comerciais privados e nem bancos com controle estrangeiro. Os bancos comerciais privados e os bancos comerciais com controle estrangeiro começaram a surgir entre os anos 1900/51. Os bancos comerciais públicos até a década de 80 tiveram um bom crescimento, a partir disso seu desenvolvimento ficou estagnado devido a fusões e incorporações, já os bancos comerciais privados tiveram um crescimento maior que os bancos públicos (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2018).

É importante salientar, segundo o Banco Central do Brasil (2018) que o crescimento de capital privado e estrangeiro no Brasil foi devido a financiamento a longo prazo para suprir as dívidas e obter certa liquidez no mercado. Ao final de 1988 foram 49 bancos privados, 26 bancos comerciais com controle estrangeiro e 29 bancos comerciais públicos, totalizando 104 bancos.

Segundo o Banco Central do Brasil (2018),

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.09, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v9i1.3967

> A idade média dos bancos que estavam funcionando em dez/1988 era de cerca de 40 anos. Tratava-se de uma estrutura especializada, composta basicamente de bancos antigos mas já bem adaptados aos tempos de inflação, embora mais da metade deles houvesse sido criado antes mesmo da reforma bancária de 64 [...].

No segundo semestre de 1994, segundo o Banco Central do Brasil (2018), com a implantação no Plano Real houve maior incentivo a reordenaçao da economia, como ao aumento da abertura ao comércio exterior; mudança da política industrial visando competitividade a produtos no mercado internacional; redução de subsídios; reforma econômica e na função estrutural do setor público e a reformulação da quantidade de gastos.

Ao final de 1998 o sistema financeiro brasileiro contava com 201 bancos (173 múltiplos e 28 comerciais), 16 mil agências e aproximadamente 15 mil pontos de atendimento segundo o Banco Central do Brasil (2018). Nessa fase ocorreram incorporações; transferência de controle; cancelamentos e liquidações fazendo com que a quantidade de instituições financeiras diminuísse em 24%. Os bancos comerciais estavam incluídos nessa porcentagem.

De acordo com o Banco Central do Brasil (2018) a quantidade de bancos que existia em 1988, 40% não conseguiu sobreviver até o ano 2000 e grande parte foi encerrada por liquidação e os bancos comerciais foram os mais cancelados. Os bancos que saíram do sistema bancário possuíam um tempo médio de atividade de aproximadamente 48 anos, e grande parte dos bancos públicos sofreram privatizações (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2018). Entre 1989 e 2000, segundo dados do Banco Central do Brasil, ocorreram 16 cisões[22]; 30 cancelamentos; 64 incorporações e 51 liquidações de instituições financeiras. Para o Banco Central (2018),

> Dentre os 60% de bancos sobreviventes, havia ainda aqueles que tiveram problemas, mas para os quais conseguiu-se encontrar solução de mercado compatível com a continuidade de atuação da instituição. A transferência de

[22] Divisão; falta de acordo entre membros. Disponível em:< https://www.dicio.com.br/cisao/ >. Acesso em: 10 out. 2018.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.09, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v9i1.3967

> controle foi um dos instrumentos mais utilizados, inclusive com a participação do capital externo nas operações de compra e venda de ativos.

No ano 2000, os 28 bancos comerciais citados anteriormente ainda existiam sendo que nove eram bancos comerciais privados, 16 bancos comerciais com controle estrangeiro e apenas três bancos comerciais públicos, novamente enfatizando que esse resultado é devido a privatizações sofridas pelos bancos comerciais públicos, a abertura econômica e a melhor flexibilidade dos bancos privados, que puderam diversificar seus serviços e produtos se adequando as tecnologias, corte de custo e lançamento de novos produtos, os bancos comerciais públicos não conseguiram se adaptar a economia e reestruturação (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2018).

Sobre o ano 2000, segundo o Banco Central (2018)

> Considerando-se o ponto de vista da entrada de instituições no sistema financeiro, do total de bancos múltiplos e comerciais em funcionamento, em dez/2000, 47% haviam iniciado suas operações diretamente como bancos e o restante teve sua autorização para funcionamento concedida a partir de uma transformação de outro tipo de instituição financeira em banco.

Conhecido um pouco da jornada dos bancos comerciais, a próxima etapa irá tratar sobre o mercado dos bancos comerciais brasileiros.

3.1 BANCOS COMERCIAIS BRASILEIROS

No Brasil atualmente existem 19 bancos comerciais, deste total seis são estrangeiros[23], 12 são privados e um é público, o objetivo do presente trabalho é analisar apenas os bancos comerciais brasileiros, sobre os bancos estrangeiros há muitas controvérsias sobre as consequências que trazem para o país e também houve dificuldade em relação a disponibilidade de dados, como não há algo definido sobre eles, foi decidido permanecer apenas com os bancos comerciais brasileiros visto que são os percussores em relação ao sistema bancário no Brasil.

[23] Banco de La Nacion Argentina; Citibank; Banco de La Província de Buenos Aires; Jpmorgan Chase Bank, National Association; Ing Bank; Banco de La Republica Oriental del Uruguay, todos localizados na cidade de São Paulo.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.09, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v9i1.3967

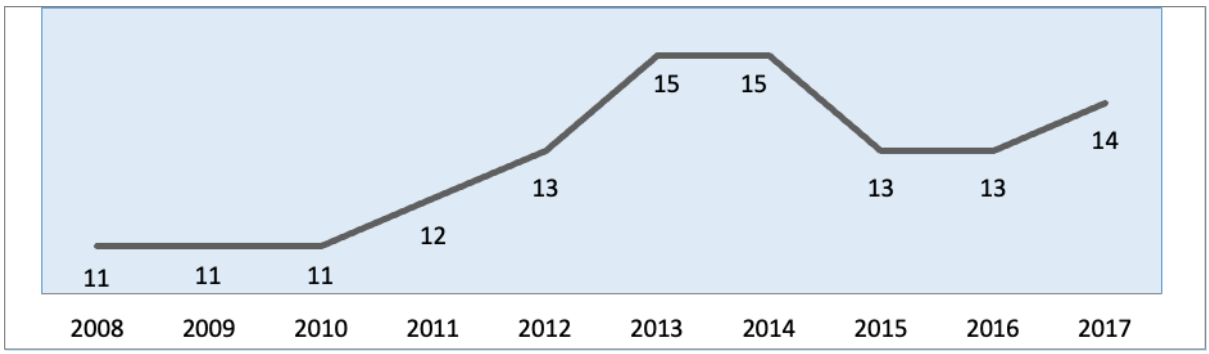
Os bancos comerciais brasileiros estão localizados nas grandes capitais, dentre esses bancos, apenas o Banco da Amazônia é público e está localizado no município de Belém. A maioria está localizada no Sudeste do país, no Nordeste não há presença dos bancos comerciais.

Segundo Metzner e Matias (2015, p. 156),

> Um sistema financeiro debilitado, com a presença de bancos insolventes, não cumpre eficientemente seu papel, já que esses bancos não respondem mais aos estímulos normais de mercado nem são locais confiáveis para realizar as principais opções de investimento.

No gráfico a seguir é possível perceber a relação da quantidade de bancos comerciais brasileiros nos últimos 10 anos. Nos anos de 2013 e 2014 foram os que mais tiveram presença destes bancos, a quantidade ficou estagnada entre 2008 e 2010.

Gráfico 3 – Variação da quantidade de bancos comerciais brasileiros nos últimos 10 anos



Fonte: Banco Central do Brasil. Adaptado pelas autoras.

Segundo a economista e consultora financeira Melissa Modeneze[24]

> O banco comercial faz parte de todo o complexo do Sistema Financeiro Nacional, mas o banco múltiplo tem muito mais serviços a ser oferecido, ele acaba tendo mais opções e mais vantagens para o Sistema Financeiro Nacional. Um banco comercial é mais limitado nas prestações de serviços, logo, o montante trabalhado financeiramente é menor, ou seja, o banco comercial não tem tanto poder de desenvolvimento de trabalho e volume monetário, então para o Sistema Financeiro Nacional, ele não é tão interessante.

[24] Economista e consultora financeira no município de Linhares, formada em ciências econômicas na Universidade Federal do Espirito Santo.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.09, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v9i1.3967

Neto (2000, p. 71) afirma que,

> Os bancos, de maneira geral, vêm apresentando rápida evolução em sua estrutura e funcionamento, procurando adaptar suas operações e produtos a um mercado cada vez mais exigente e globalizado. Atualmente, vem trabalhando da forma mais especializada, segmentando informalmente sua participação no mercado com base no volume de negócios dos clientes e na forma de atendimento.

Pode ser interessante atualmente, para as agências de supervisão e os formuladores de política, obter informações a respeito das expectativas do mercado em relação à chance de inadimplência a curto e longo prazo, de forma a destacar os bancos que estão com dificuldades, esse é um importante meio para ser decidido quais mecanismos devem ser utilizados para salvar os bancos, enfatizando a diferença entre qualidade e prazo das dívidas (METZNER; MATIAS, 2015).

Para Fortuna (2017, p. 5) “Os bancos no Brasil vêm reduzindo a sua competitividade em função do aumento da concentração bancária que na escala de avaliação do BC em 2008 passou de baixa para moderada”. Ainda segundo Fortuna (2017, p. 5) “Esses são os primeiros resultados da crise financeira, que obrigou bancos pequenos e médios a vender carteiras de crédito para os bancos maiores”.

> Um grande banco hoje não se caracterizará apenas por ter um grande número de agências bancárias. Esta já não é mais uma grande barreira de entrada. Para os bancos menores, a digitalização permite a possibilidade de um novo perfil de cliente que pode vir a ser rentável no modelo digital (FORTUNA, 2017, p. 5).

Ainda sobre a entrevista realizada com Melissa Modonezze, foi questionado o motivo dos bancos comerciais ainda não optarem por ser banco múltiplo, para ela, pode ser por uma questão de não suportar a estrutura que um banco múltiplo tem ou porque esses bancos podem estar se preparando para ser um banco digital, segundo Melissa,

> [...] para sair de um banco comercial para um banco múltiplo há de convir que ele precise de pessoal qualificado para gerir uma carteira de investimento, ele precisa de profissionais qualificados para gerir os financiamentos de longo prazo, trabalhar a tesouraria de forma diferente por que são trabalhos de longo prazo e precisa de mais caixa para suportar o retorno do recurso.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.09, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v9i1.3967

Para Melissa, nos dias de hoje há uma grande tendência pelos bancos digitais, os bancos tradicionais físicos estão perdendo espaço, assim como o banco comercial, que perdeu sua linha de produção, o cliente busca muito mais de um banco, ele quer mais serviços e ele quer fazer esses serviços em um banco só, além disso, o cliente quer financiar uma casa, quer constituir uma empresa ou quer um investimento para sua empresa, e isso um banco comercial não oferece em grande volume, os bancos que não optarem por ser múltiplo ou digital, ou múltiplo e digital irá perder força no mercado.

O economista Eduardo Araújo, enfatiza também que outra ameaça para os bancos, e em especial para os bancos comerciais, são as corretoras de valores[25] e as fintechs[26]. Não tem aquela burocracia em ir até o banco, enfrentar filas, além disso, as fintechs oferecem serviços na maioria das vezes sem custos, o que chama a atenção do cliente, pois o cliente não quer mais pagar taxas bancárias, essas empresas, por serem digitais tem redução de custo o que resulta na isenção de várias taxas para o cliente.

Corazza (2000, p. 116) afirma que “Os bancos comerciais, pela sua natureza e suas funções específicas, podem estar passando por profundas transformações, mas não vão desaparecer. Eles são especiais”.

Os bancos comerciais brasileiros apesar de terem seu número reduzido são peças chave para a economia do país, pois são os principais intermediadores financeiros e estão envolvidos no processo de criação da moeda. Diante dessa importância, o presente trabalho tem como objetivo diagnosticar a situação financeira dos bancos comerciais brasileiros que será melhor explicada no próximo capítulo.

[25] Instituições financeiras voltadas para investimentos que na maioria das vezes são mais atrativas que os bancos.
[26] Empresas que oferecem serviços financeiros de forma facilitada para o cliente.

4 ANÁLISE DOS INSTRUMENTOS FINANCEIROS APLICADOS AOS BANCOS COMERCIAIS BRASILEIROS

A análise financeira de uma empresa, segundo Silva (2008) auxilia na avaliação econômica e financeira das instituições e é composta por um exame minucioso dos dados financeiros que a mesma disponibiliza. Embora na literatura contemple mais as empresas, ela deve ser utilizada por qualquer instituição, inclusive os bancos. Os bancos sem uma administração financeira adequada podem acarretar em extinções; fusões e separações, além disso, leva o consumidor a sofrer as consequências de uma má gestão, como o aumento das tarifas bancária e taxas.

Diante disso, este capítulo possui como objetivo analisar os principais índices financeiros e econômicos aplicados aos bancos comerciais brasileiros, demonstrando assim a situação econômica e financeira ao longo do exercício de seis anos, sendo o período de análise de 2011 a 2017.

Os bancos analisados são o Banco da Amazônia, Banco B3, Banco Rendimento, Banco Máxima, Banco Finaxis e Banco Alfa. Os bancos Arbi e Agibank não possuem dados de todos os anos para ser analisado na série histórica completa, o Banco Agibank, começou a operar no país no ano de 2014, esses bancos não serão analisados nas variáveis que contemplam médias, devido às informações não serem completas. Os bancos BNY Mellon, Crefisa, Investcred Unibanco e Keb Hana do Brasil não disponibilizaram as suas demonstrações financeiras.

Os indicadores que foram utilizados nas análises dos bancos são: lucro líquido; patrimônio líquido; créditos recuperados; índice de cobertura de juros; índice de participação de terceiros; índice da Basiléia; lucro por ação; dividendo por ação; retorno sobre o patrimônio líquido e índice de liquidez corrente, observando que a análise foi feita baseada em três dimensões: rentabilidade; liquidez e endividamento.

4.1 INDICADORES FINANCEIROS DOS BANCOS

4.1.1 Lucro líquido

O lucro líquido demonstra o resultado contábil final de uma empresa, podendo ser negativo ou positivo. Diante da análise deste indicador, conforme o gráfico abaixo, o banco com o maior lucro médio entre os bancos comerciais brasileiros é o Banco B3. Os bancos Arbi e Agibank não entram nesta variável, pois só possuem dados a partir de 2014.

Quadro 1 – Lucro médio dos bancos - 2011 a 2017 - Em milhões de R$(*)

Banco	Lucro médio[27]
B3	1.560
Amazônia	183,1
Alfa	87,2
Rendimento	37,9
Western Union	8,0
Finaxis	1,3
Máxima	-2,3

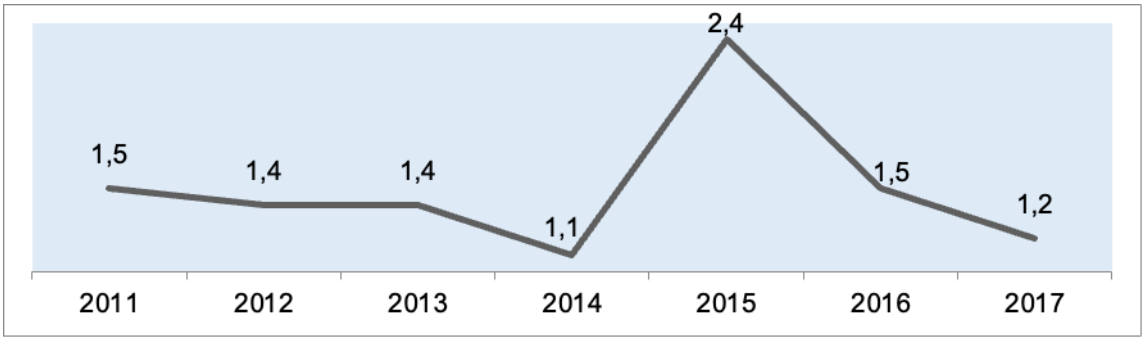
Fonte: Elaboração própria.

(*) Valores com ano base de 2017 corrigidos pelos índices médios anuais do IPCA (IBGE).

Diante desta variável, pode-se notar que o Banco B3 – Brasil, bolsa e balcão - é o banco com a maior destaque, esse banco é a bolsa de valores oficial do país, sua atual estrutura surgiu da fusão entre a BM&FBOVESPA e a CETIP[28] no ano de 2016, essa combinação permitiu que o banco fornecesse uma maior quantidade de produtos de serviços. No gráfico a seguir, é possível ver a evolução do lucro líquido do banco ao longo da série histórica.

Gráfico 4 – Lucro líquido do Banco B3 - 2011 e 2017 – Em bilhões R$(*)

[27] Nesta variável considera-se a média aritmética em que foram somados os valores do lucro líquido do banco e foi divido pela quantidade de anos.
[28] Central de Custodia e Liquidação Financeira de Títulos.

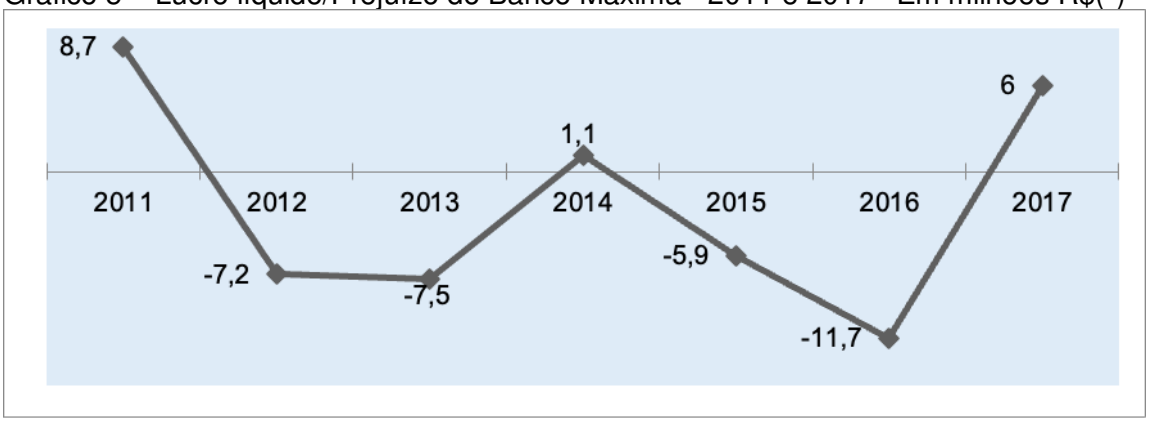


Fonte: Banco B3. Elaboração própria.
(*) Valores com ano base de 2017 corrigidos pelos índices médios anuais do IPCA (IBGE).

O menor lucro da série histórica aconteceu em 2014, segundo o relatório financeiro (2014) o que levou a redução do lucro nesse ano foi a queda de receitas e itens não recorrentes como a adesão ao REFIS[29] em agosto de 2014 e o impacto negativo de operações descontinuadas. Na série histórica é possível analisar que no ano seguinte o banco teve o maior lucro líquido, esse crescimento, segundo o relatório financeiro (2015) pode ser explicado pela redução da base impostos gerada pela distribuição de JCP[30] em 2015.

No quadro 1 foi possível identificar que o Banco Máxima[31] ficou com um prejuízo médio de R$ 2,3 milhões. Conforme o gráfico a seguir é possível analisar a evolução do lucro líquido/prejuízo ao longo dos últimos sete anos.

Gráfico 5 – Lucro líquido/Prejuízo do Banco Máxima - 2011 e 2017– Em milhões R$(*)



Fonte: Banco Máxima. Elaboração própria.
(*) Valores com ano base de 2017 corrigidos pelos índices médios anuais do IPCA (IBGE).

[29] Programa de regularização de créditos derivados de débitos relacionados a tributos e contribuições.
[30] Juros sobre capital próprio.
[31] É uma empresa de capital fechado e que opera com carteira comercial, crédito e câmbio.

Durante o período de análise, boa parte dos anos o banco acumulou prejuízos, o maior prejuízo foi em 2016, conforme o relatório financeiro (2016) uma causa desse prejuízo foi a taxa Selic que atingiu os 14,15% e que penalizou o mercado mobiliário, este segmento é o nicho de atuação do banco, o setor imobiliário opera com taxas baixas, por isso o banco acumulou um prejuízo de R$ 11,7 milhões. No ano seguinte o banco conseguiu atingir um lucro positivo no valor de R$ 6,0 milhões em razão do aumento da produção industrial e do consumo, e a redução da taxa de desemprego, ainda houve uma redução da inflação medida pelo IPCA.

Analisando a variável de lucro médio do setor no ano de 2017, descrita no quadro a seguir, é possível notar que apenas o Banco B3 novamente possui um valor acima da média se destacando dentre os demais. A média de lucro de 2017 foi de R$ 180,1 milhões, o Banco Arbi obteve o menor lucro líquido, seu resultado foi de apenas R$ 0,5 milhões em 2017. Nesta variável foi possível realizar o cálculo dos bancos Arbi e Agibank visto que no ano de 2017 estes bancos possuíam dados suficientes para esta análise.

Quadro 2 – Lucro líquido médio do setor em 2017 - Em milhões R$(*)

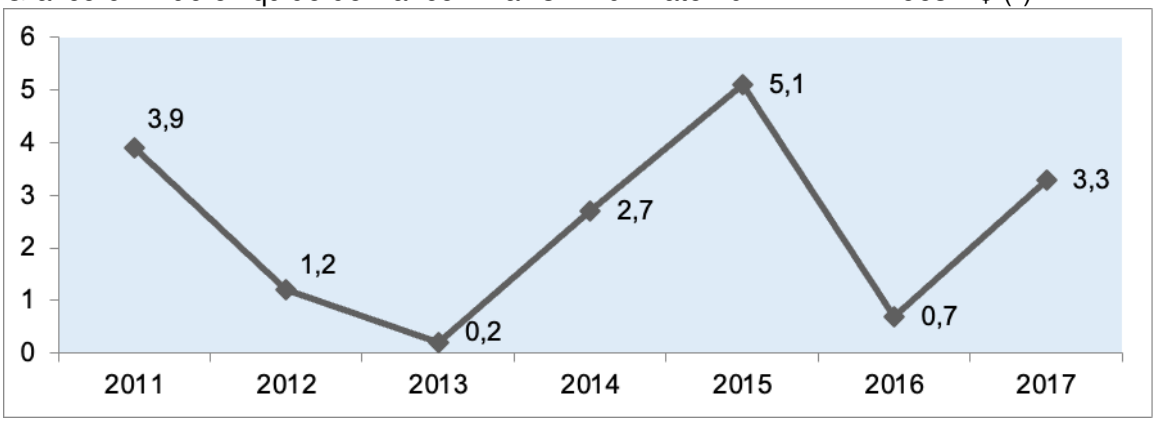
Banco	Lucro líquido em 2017	Média[32] em 2017
B3	1.296	180,1
Agibank	109,7	
Alfa	73,5	
Amazônia	64,5	
Rendimento	49,4	
Western Union	18,0	
Máxima	6,0	
Finaxis	3,3	
Arbi	0,5	

Fonte: Elaboração própria.
(*) Valores com ano base de 2017 corrigidos pelos índices médios anuais do IPCA (IBGE).

[32] A média foi feita pela soma dos lucros dos bancos no ano de 2017 dividido pelo número de instituições, neste caso 9 bancos.

No gráfico a seguir mostra o lucro líquido do Banco Finaxis, segundo banco com menor lucro líquido, o Banco Arbi, não será analisado por não conter dados de todos os anos da série histórica

Gráfico 6 – Lucro líquido do Banco Finaxis – 2011 até 2017- Em milhões R$ (*)



Fonte: Banco Finaxis. Elaboração própria.
(*) Valores com ano base de 2017 corrigidos pelos índices médios anuais do IPCA (IBGE).

O menor lucro líquido da série foi em 2013, segundo o relatório financeiro (2013) esse resultado se deu em função da redução dos resultados de intermediação financeira, que não é uma atividade core[33], e por uma expansão não recorrente de despesas não operacionais. Em 2015, ano em que o banco possuiu o maior lucro líquido, o relatório financeiro (2015) evidência que um dos destaques foi o crescimento da carteira de recursos de terceiros administrada pelo banco, assim como houve aumento nos serviços de administração, custódia de fundos e cobrança de tarifas bancárias.

4.1.2 Patrimônio Liquido

O patrimônio líquido de um banco é constituído por valores do capital próprio da empresa e por valores do capital próprio dos proprietários e que foram aplicados na empresa (PADOVEZZE, 2014). Sendo assim, o gráfico abaixo demonstra a média do patrimônio líquido dos bancos ao longo dos anos. Como dito anteriormente, os bancos Arbi e Agibank não entram na análise, pois não possuem dados suficientes de todos os anos.

Quadro 3 - Patrimônio líquido médio do setor – 2011 a 2017 – R$(*)

Banco	Patrimônio líquido médio[34]
B3	23,8 Bilhões
Amazônia	2,4 Bilhões
Alfa	1,5 Bilhões
Rendimento	201,2 Milhões
Máxima	83,1 Milhões
Western Union	68,8 Milhões
Finaxis	19,8 Milhões

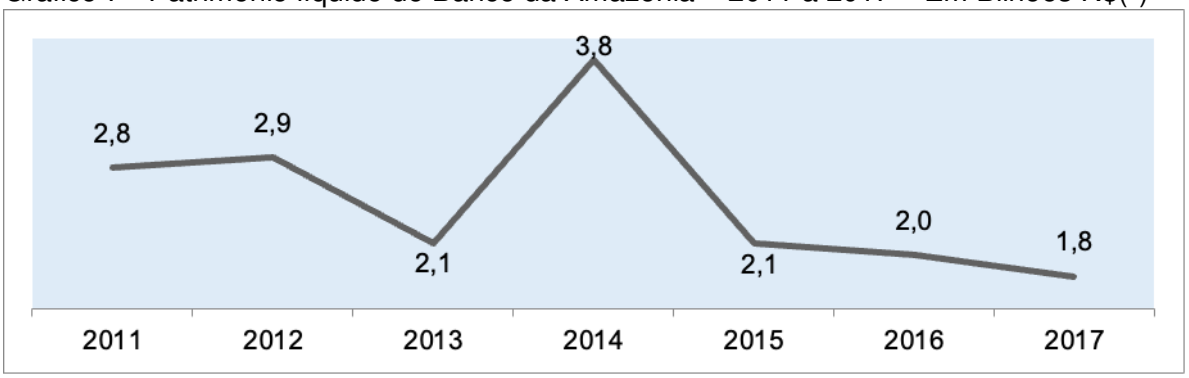
Fonte: Elaboração própria.
(*) Valores com ano base de 2017 corrigidos pelos índices médios anuais do IPCA (IBGE).

Nota-se que o Banco B3 tem o maior patrimônio líquido médio entre os bancos comerciais brasileiros, com resultado de R$ 23,8 bilhões. No ano de 2017 seu patrimônio líquido foi de R$ 24,3 bilhões (quadro 4), é importante frisar que no ano de 2016 houve um processo de combinação de atividades entre a CETIP[35] e o Banco B3.

Em segundo lugar fica o Banco da Amazônia, com patrimônio líquido médio de R$ 2,4 bilhões, durante o período da análise histórica, o seu maior patrimônio foi no ano de 2014 – conforme gráfico 7 - no valor de R$ 3,8 bilhões em virtude da incorporação de 50% da Reserva Estatutária[36] existente em dezembro de 2013, no valor de R$ 403,6 milhões, ao Capital Social. A seguir, o gráfico com o patrimônio líquido do Banco da Amazônia durante o período de análise.

[33] Atividade central de um negócio, neste caso, não é uma atividade central desse banco.
[34] A média foi obtida pela soma do patrimônio líquidos dos bancos ao longo da série e dividido pelo número de anos da análise, sete anos.
[35] A CETIP é uma empresa privada integradora do mercado financeiro e significa Central de Custódia e Liquidação Financeira de Títulos. É uma companhia de capital aberto desde 2009 que oferece serviços de registro, central depositária, negociação e liquidação de ativos e títulos.
[36] Integrante da Reserva de Lucros que são as contas de reservas da companhia. As reservas estatutárias são constituídas por determinação do estatuto da companhia, como destinação de uma parcela dos lucros do exercício, e não podem restringir o pagamento do dividendo obrigatório, a empresa deverá criar subcontas indicando a finalidade e a natureza da mesma. Disponível em: <http://www.portaldecontabilidade.com.br/guia/reservalucros.htm>. Acesso em: 20 out. 2018.

Gráfico 7 - Patrimônio líquido do Banco da Amazônia – 2011 a 2017 – Em Bilhões R$(*)



Fonte: Banco da Amazônia. Elaboração própria.
(*) Valores com ano base de 2017 corrigidos pelos índices médios anuais do IPCA (IBGE).

Em 2017 o patrimônio líquido do banco sofreu uma queda de 11% em relação ao ano anterior, uma causa apontada no relatório financeiro (2017) foi devido a uma ação pública civil movida pela associação dos aposentados do Banco da Amazônia, em que o banco foi condenado a repassar recursos financeiros para complementar a folha de pagamento dos beneficiários assistidos do plano de benefício definido.

O quadro a seguir demonstra a média do patrimônio líquido dos bancos no ano de 2017, neste ano a média foi de R$ 3,1 bilhões. O Banco B3 ao longo da análise dos indicadores vem se destacando em relação ao demais, um banco considerado fora da curva. Na entrevista com a economista Melissa Modoneze[37] o motivo do Banco B3 não se transformar em banco múltiplo pode ser por questões estratégicas de se preparar para no futuro e se tornar banco múltiplo.

Quadro 4 - Patrimônio líquido médio[38] dos bancos em 2017 – Em R$(*)

Banco	Patrimônio médio 2017	Média em 2017[39]
B3	24,3 Bilhões	3,1
Amazônia	1,9 Bilhões	
Alfa	1,4 Bilhões	

[37] Realizada no dia 31 de outubro de 2018.
[38] O resultado da média foi impactado significativamente pelo desempenho do Banco B3, quando calculamos a média excluindo o Banco B3, o patrimônio líquido médio seria de apenas R$ 0,5 milhões, ou seja, uma diferença de aproximadamente 500% se comparado com a média de R$ 3,1 bilhões.
[39] O cálculo da média foi através da soma do patrimônio líquido dos bancos divido pelo número de instituições.

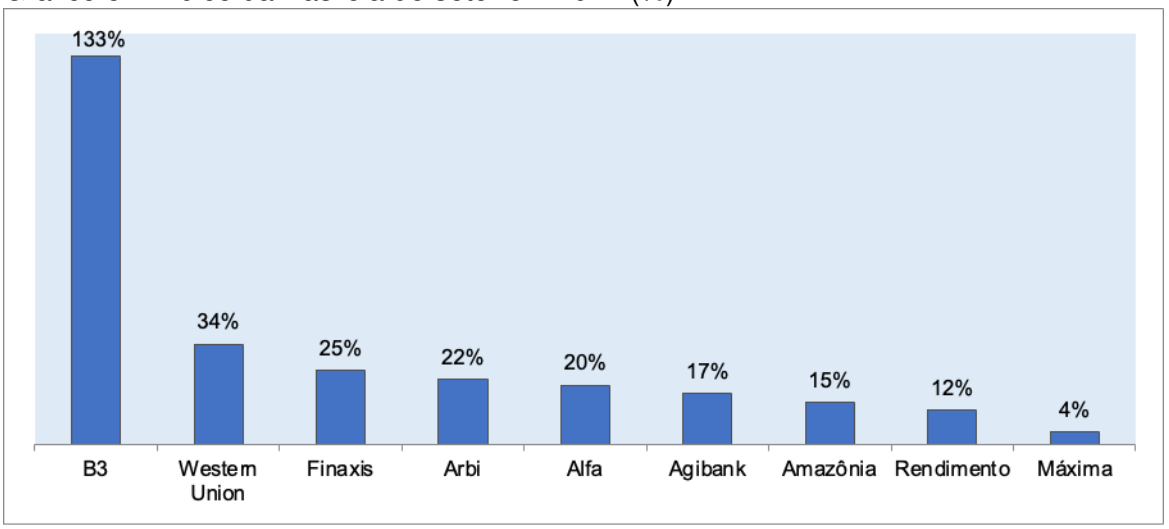
Agibank	321,2 Milhões	
Rendimento	200,9 Milhões	
Máxima	155,4 Milhões	
Western Union	106,3 Milhões	
Arbi	23,7 Milhões	
Finaxis	22,7 Milhões	

Fonte: Elaboração própria.
(*) Valores com ano base de 2017 corrigidos pelos índices médios anuais do IPCA (IBGE).

4.1.3 Índice da Basiléia

O índice da Basiléia mede a solvência[40] das instituições financeiras. Por determinação do Banco Central, os bancos devem ter um Patrimônio Líquido Exigido (PLE) equivalente a 11% de seus Ativos Ponderados pelo Risco (APR). Essa exigência teve origem no Acordo da Basiléia, este definiu as linhas gerais para a regulamentação da atividade bancária. O gráfico a seguir demonstra o Índice da Basiléia do setor no ano de 2017.

Gráfico 8 – Índice da Basiléia do setor em 2017 (%)



Fonte: Elaboração própria.

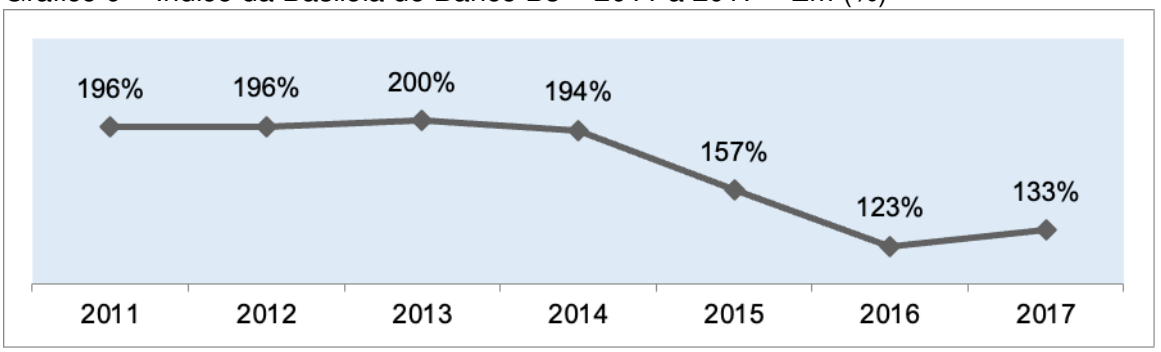
O banco com maior destaque foi o Banco B3, a média no ano de 2017 foi de 31%, diante dessa variável, os bancos B3 e Western Union estão dentro da média,

[40] Solvência, em sentido financeiro, significa o ato de arcar com obrigações correntes e ainda possuir condições de garantir sua sobrevivência no futuro.

enquanto os outros bancos encontram-se abaixo da média no ano de 2017, importante destacarmos, que mesmo estando abaixo da média os bancos estão dentro do exigido pelo Banco Central do Brasil.

De acordo com a entrevista realizada com a economista Melissa Modeneze o Índice da Basiléia do Banco B3 deu muito alto em relação aos outros devido a boa gestão dos ativos e passivos e que talvez o banco esteja ganhando com esta linha estratégica dele, além disso, os bancos precisam estar sempre inovando, fazendo uma estratégia de inovação digital. O gráfico a seguir demonstra a evolução do Índice da Basiléia do Banco B3 ao longo dos anos.

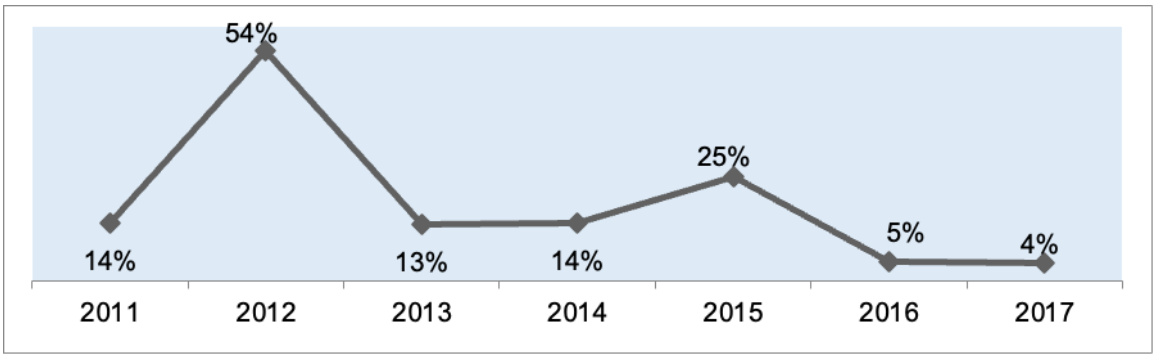
Gráfico 9 – Índice da Basiléia do Banco B3 – 2011 a 2017 – Em (%)



Fonte: Banco Central do Brasil (2018). Elaboração própria.

Os valores dos índices dos bancos B3 e Máxima possuem uma grande diferença, no entanto, é importante lembrar que são instituições com mercados e portes diferentes. No gráfico a seguir demonstra a evolução do índice do Banco Máxima na série histórica.

Gráfico 10 – Índice da Basiléia do Banco Máxima – 2011 a 2017 – Em (%)



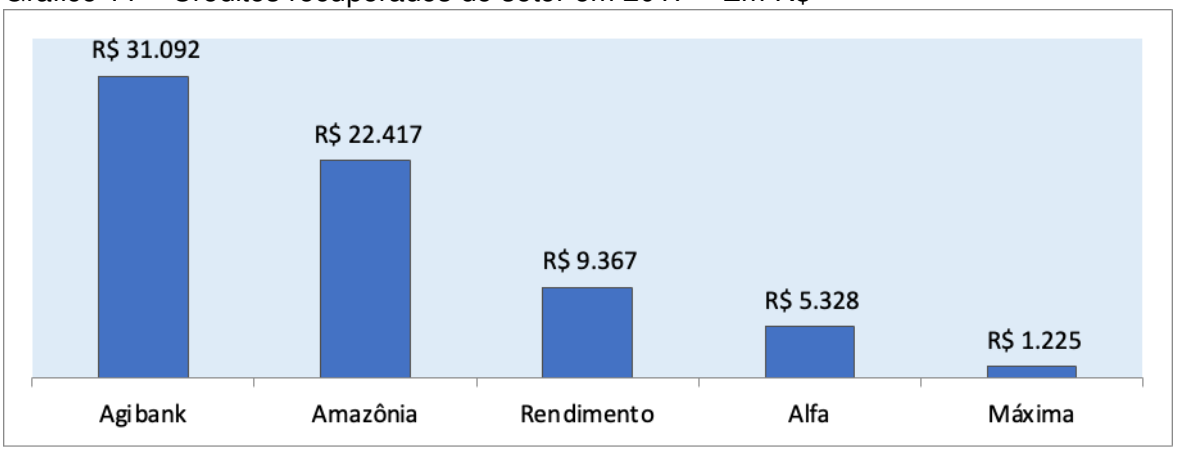
Fonte: Banco Máxima. Elaboração própria.

Bancos com Índice da Basiléia abaixo do recomendado pelo Banco Central do Brasil demonstram que a saúde financeira do banco não está indo bem, ou seja, um índice abaixo de 11% demonstra que há maior risco em investir naquela instituição.

4.1.4 Créditos recuperados

Créditos recuperados são valores que o banco consegue recuperar ao negociar com consumidores inadimplentes. No gráfico a seguir é possível visualizar os créditos recuperados dos bancos no último ano.

Gráfico 11 – Créditos recuperados do setor em 2017 – Em R$



Fonte: Elaboração própria.

O banco com maior destaque foi o Agibank[41], os bancos Western Union, Finaxis, Arbi e B3 não disponibilizam em seus relatórios os créditos recuperados. O banco

[41] É um banco digital que oferece conta corrente, cartões, crédito, seguros, investimentos e outros serviços.

que menos se destacou no ano de 2017 foi o Banco máxima, o quadro a seguir demonstra o quanto o banco conseguiu recuperar ao longo da série histórica.

Quadro 5 – Créditos recuperados do Banco Máxima - 2011 a 2017 – Em R$(*)

Ano	Valor
2011	R$ 372,00
2012	R$ 985,00
2013	R$ 81,00
2014	R$ 205,00
2015	R$ 184,00
2016	R$ 25.150,00
2017	R$ 1.225,00

Fonte: Elaboração própria.
(*) Valores com ano base de 2017 corrigidos pelos índices médios anuais do IPCA (IBGE)

O ano de maior evidência para o banco foi em 2016, segundo o relatório financeiro (2016) um fato que auxilia a manutenção do índice de inadimplência do banco em patamar melhor do que a média do mercado é a capacidade de recuperação de crédito.

4.2 INDICADORES FINANCEIROS DE ENDIVIDAMENTO

4.2.1 Índice de cobertura de juros

Esse índice mede a capacidade que a empresa possui para arcar com suas obrigações. Quanto maior o índice, maior a capacidade que o banco possui em arcar suas dívidas com juros. No quadro a seguir, os bancos que apresentaram o maior ICJ é o Finaxis e o B3, demonstrando com os resultados que conseguem pagar com juros contratuais suas dívidas sem comprometer a geração de caixa, resultando em uma boa margem de segurança.

Quadro 6 – ICJ[42] dos bancos comerciais brasileiros em 2017

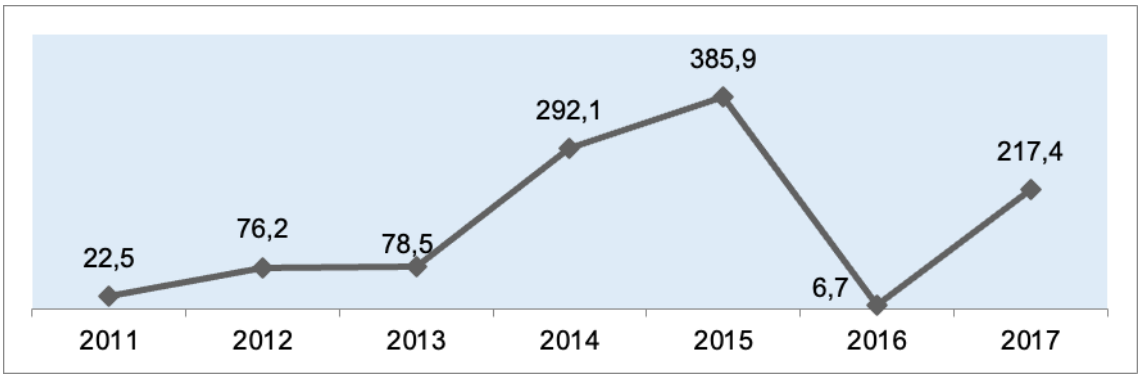
Banco	ICJ
Finaxis	217,4
B3	1,9
Rendimento	1,0
Agibank	0,6
Amazônia	0,4
Máxima	0,09
Arbi	0,08
Alfa	0,05

Fonte: Elaboração própria.

O valor indicado do Índice de Cobertura é acima de 1.0, para Gitman (2004, p. 51) "Um valor igual a pelo menos 3 e preferivelmente mais próximo de 5 é geralmente recomendado". No ano de 2017 o Banco Finaxis teve um excelente resultado, isso quer dizer que em uma situação de emergência este consegue manter seu padrão de vida por um bom tempo, honrando seus custos e despesas. No gráfico a seguir demonstra de forma mais clara os resultados desse banco nos últimos anos.

Gráfico 12 – ICJ do Banco Finaxis – 2011 a 2017

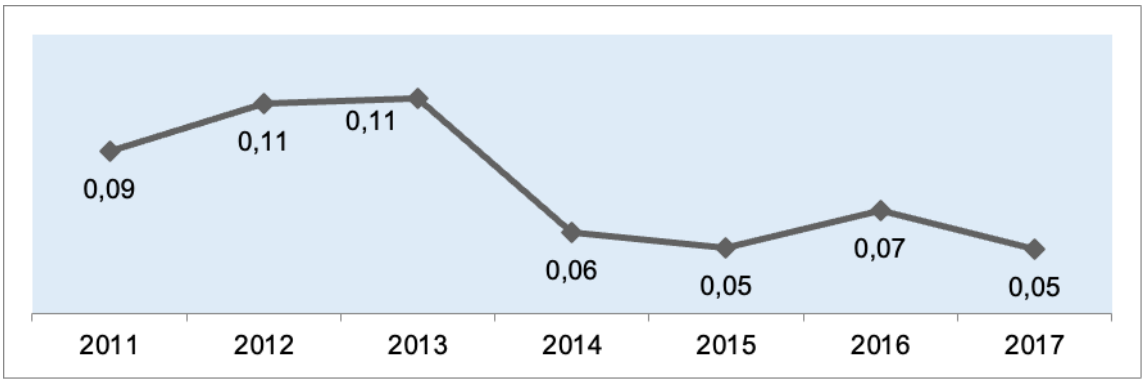
[42] A análise do banco Western Union resultou em um valor bastante elevado, no entanto, só foi possível realizar o cálculo dos anos 2012, 2013 e 2014, o que acabou prejudicando a comparação com os outros bancos, dessa forma, o Western Union não foi considerado na análise do ICJ médio junto com os demais.



Fonte: Banco Finaxis. Elaboração própria.

O gráfico a seguir mostra o resultado do ICJ do Banco Alfa que foi o menor valor. Em 2017 o banco fechou com índice de 0,05, este resultado pode ter sido em relação aos investimentos que a instituição realizou e também pelos reflexos da crise que iniciou em 2016 no país[43].

Gráfico 13 – ICJ do Banco Alfa – 2011 a 2017



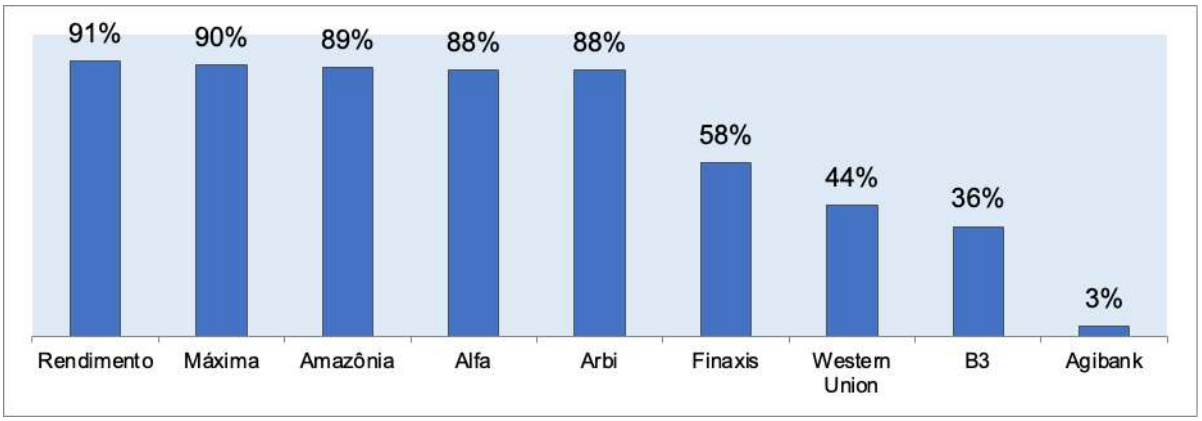
Fonte: Banco Alfa. Elaboração própria.

4.2.2 Índice de Participação de Terceiros

O índice de participação de terceiros mede a proporção do total de ativos que é fornecida por credores da empresa. Conforme Gitman (2010, p. 57) “Quanto mais elevado esse índice maior o grau de endividamento da empresa e maior sua alavancagem financeira”, ou seja, quanto maior for esse índice, maior é o volume de dinheiro que vem de terceiros e que está sendo emprestado para gerar lucros. O índice dos bancos está expresso no gráfico a seguir.

[43] Em 2016 a economia do país sofreu uma grande queda, o PIB teve uma diminuição drásticas, em 2010 a economia cresceu 7,5% e em 2015 foi para 3,6%, o que afetou toda a população brasileira e o sistema bancário, aumentando o desemprego e a inflação.

Gráfico 14 – IPT dos bancos comerciais brasileiros em 2017



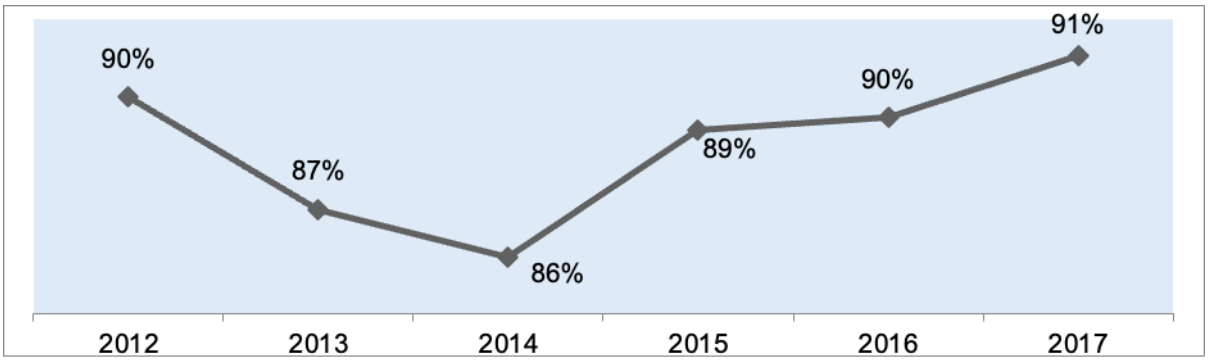
Fonte: Elaboração própria.

O Banco Rendimento em 2017 demonstrou que utilizou 91% de recursos de terceiros, provocando assim menor liberdade nas decisões financeiras pelo alto nível de risco, além disso, é importante citar que área de atuação do Banco Rendimento[44] é bem restrita, o que pode acabar afetando sua saúde financeira. O gráfico a seguir demonstra o IPT do Banco Rendimento ao longo da série[45] analisada. No ano de 2017, fechou com 91%, a cada R$ 1,00 de capital da instituição, ele utiliza R$ 0,91 de capitais de terceiros.

É importante comentar a respeito do IPT que é uma característica do setor bancário trabalhar com este tipo de resultado alto, poucas instituições utilizam capital próprio para arcar com suas obrigações, além disso, o principal objetivo é realmente receber e utilizar recursos de terceiros.

Gráfico 15 – IPT do Banco Rendimento – 2011 a 2017

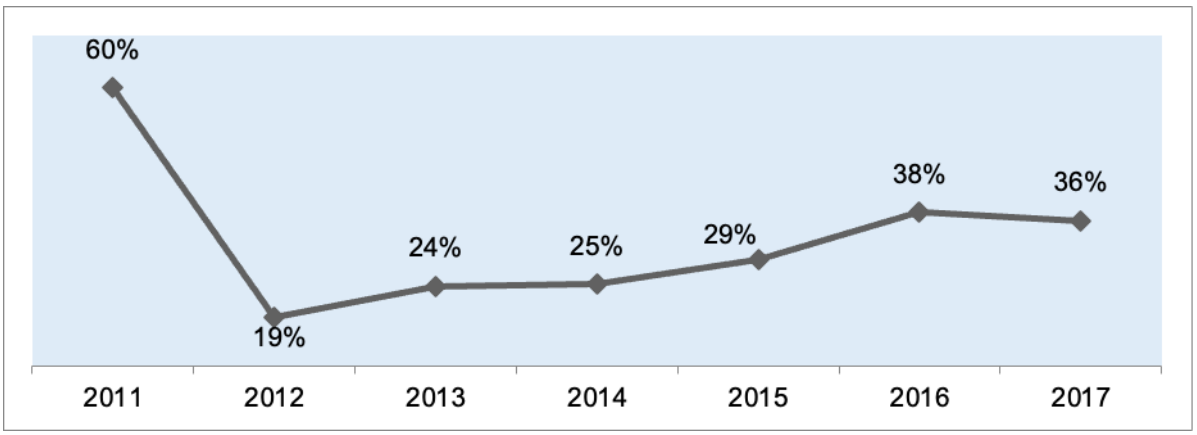
[44] Especialista em empresas Middle Market que possuem faturamento entre R$ 40 milhões e R$ 600 milhões.
[45] O banco só disponibiliza em seu site os relatórios dos últimos 5 anos, neste caso 2013 a 2017. Mesmo assim será feita a análise do ano de 2012 pois no relatório financeiro de 2013 há dados do ano anterior.



Fonte: Banco Máxima. Elaboração própria.

O gráfico a seguir demonstra o resultado do Banco B3, que foi a instituição com melhor resultado, seu resultado em 2017 foi de 36%, isso significa, que a cada R$1,00 de capital da instituição, o banco utiliza R$ 0,36 de capital de terceiros, ou seja, possui pouca dependência de terceiros e maior liberdade financeira, resultando em menores riscos.

Gráfico 16 – IPT do Banco B3 – 2011 a 2017



Fonte: Banco B3. Elaboração própria.

4.3 INDICADORES FINANCEIROS DE RENTABILIDADE

4.3.1 Lucro por ação

Índice de muita importância para os investidores, pois demonstra o quanto de lucro há em cada ação. É importante destacar que um lucro por ação negativo demonstra que a instituições estão operando com margens baixas e acumulando prejuízos (ASSAF NETO, 2014).

No quadro a seguir é possível notar que o banco que possui maior destaque neste índice é o Banco Rendimento, que oferece operações de crédito nas modalidades de empréstimos, comércio exterior, repasses do BNDES[46], além de atuar no mercado de câmbio e serviços financeiros internacionais.

Quadro 7 – Lucro por ação dos bancos comerciais brasileiros em 2017 - (Em R$)

Banco	Lucro por ação
Rendimento	395,33
Amazônia	2,17
Alfa	0,82
B3	0,65
Agibank	0,39
Máxima	0,31
Western Union	0,20
Finaxis	0,19
Arbi	0,00

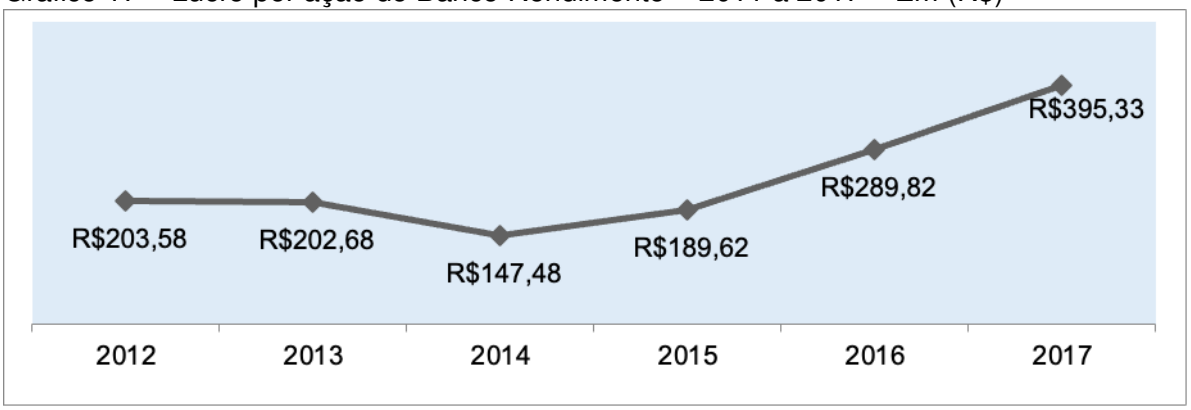
Fonte: Elaboração própria.

A variável lucro por ação é uma razão entre lucro líquido e quantidade de ações, tendo em vista a quantidade de ações, o Banco Rendimento em 2017 representou 125 mil ações sendo o maior resultado, o Banco da Amazônia possuía 29 milhões de ações, o Banco Agibank 283 milhões de ações.

Quanto menor a quantidade de ações mais o banco irá pagar para os seus acionistas. Ao longo dos anos o Banco Rendimento pagou o lucro por ação em valores consideráveis, conforme o gráfico a seguir. Isso demonstra que é uma instituição com bons investimentos e investidores, seu menor lucro por ação foi no ano de 2014, com resultado de R$ 147,48 o que é um bom resultado.

[46] Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social.

Gráfico 17 – Lucro por ação do Banco Rendimento – 2011 a 2017 – Em (R$)



Fonte: Banco Rendimento. Elaboração própria.

Quadro 8 – Lucro e ações do Banco Rendimento[47] – 2011 a 2017- Em Milhões R$(*)

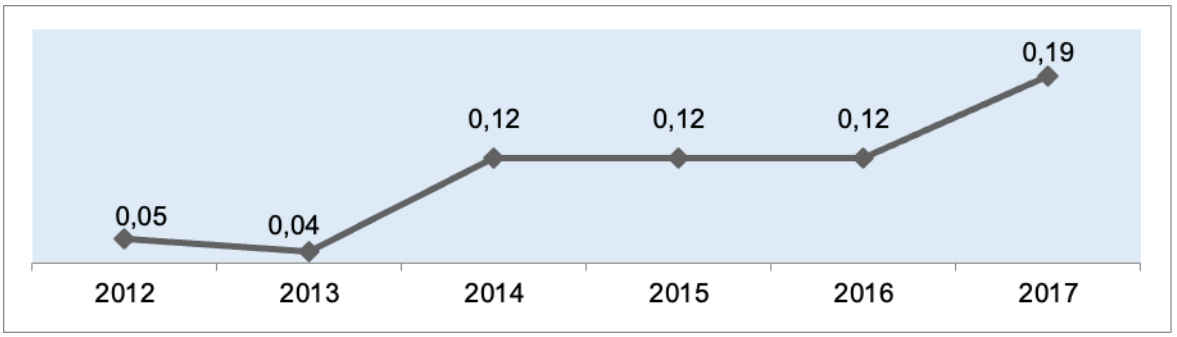
Ano	Lucro	Número de ações
2012	44,3	158.438
2013	41,7	
2014	28,5	
2015	26,1	125.024
2016	37,4	
2017	49,4	

Fonte: Banco Rendimento. Elaboração própria.
(*) Valores com ano base de 2017 corrigidos pelos índices médios anuais do IPCA (IBGE).

No gráfico a seguir mostra a série do lucro por ação do Banco Finaxis que foi o segundo menor resultado, o Banco Arbi não foi analisado devido a seu resultado ter dado próximo de zero.

Gráfico 18 – Lucro por ação do Banco Finaxis – 2011 a 2017 – Em (R$)

[47] Importante citar que o Banco Rendimento e o Banco Finaxis são bancos com diferentes públicos alvos e de diferentes dimensões, o primeiro possui como objetivo empresas com grande lucro e é um grande banco na área em que atua enquanto que o segundo é especialista em fundos de investimento no país e possui um grupo de clientes mais restritos, logo isto afeta nos seus resultados financeiros, inclusive o lucro por ação.



Fonte: Banco Finaxis. Elaboração própria.

Quadro 9 – Lucro e ações do Banco Finaxis – 2011 a 2017- Em Milhões R$(*)

Ano	Lucro	Número de ações
2012	1,2	17.955.577
2013	0,2	
2014	2,7	
2015	5,1	
2016	0,7	
2017	3,3	

Fonte: Banco Rendimento. Elaboração própria.
(*) Valores com ano base de 2017 corrigidos pelos índices médios anuais do IPCA (IBGE).

4.3.2 Dividendo por ação

O dividendo constitui a divisão de parte dos lucros de uma empresa aos seus acionistas. A Lei das Sociedades Anônimas, afirma que toda companhia brasileira de capital aberto deve distribuir aos acionistas no mínimo 25% do seu lucro líquido em dividendos. Porém o acionista também pode receber os dividendos por meio de juros sobre capital próprio. Os juros sobre capital próprio são recebidos integralmente pelo investidor, já os dividendos são tributados em 15% pela Receita Federal na data de depósito. Analisando o quadro a seguir é possível visualizar a evolução dos dividendos pagos pelos bancos no último ano.

Quadro 10 – Dividendo por ação dos bancos comerciais brasileiros em 2017 - (Em R$)

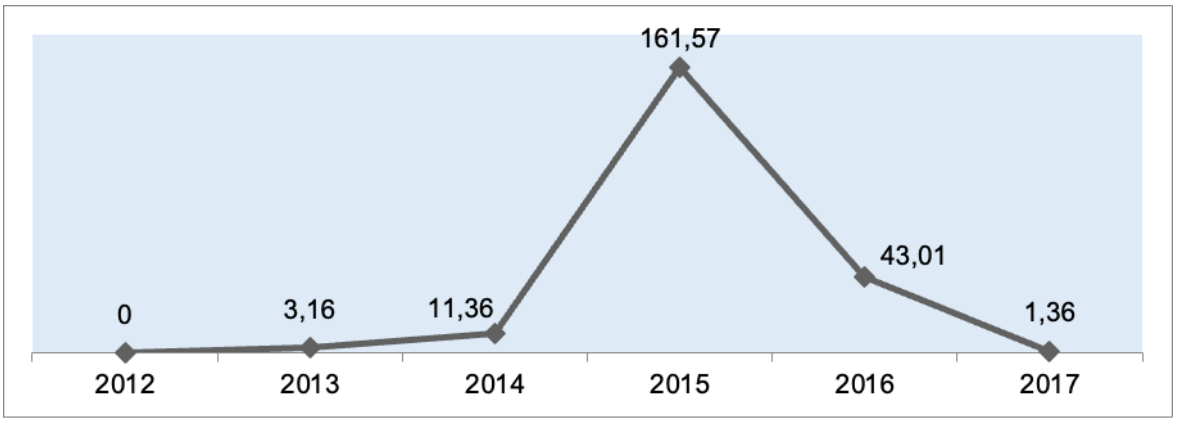
Banco	Dividendos pagos
Rendimento	1,35
Amazônia	0,63
Alfa	0,53
B3	0,46
Arbi	0,15
Agibank	0,07
Western Union	0,04
Maxima	0,03
Finaxis	0,01

Fonte: Elaboração própria.

Os bancos que pagam dividendos mostram-se estáveis e de baixo risco. Os bancos Máxima, Finaxis, Western Union e Agibank possuem valores próximos a zero, isto aconteceu devido ao valor pago de dividendo ser bem baixo para a quantidade de ações que os bancos possuem.

Novamente, o Banco Rendimento se destacou e o fato disso acontecer é a quantidade de ações que possuí, no gráfico a seguir é possível visualizar o dividendo por ação na série histórica, no ano de 2012 não houve pagamento de dividendos pelo banco, por isso o resultado é zero. Anteriormente, no quadro 8 foi possível perceber que nos anos de 2012 a 2014 o Banco Rendimento tinha 158.438 ações, de 2015 a 2017 o banco possuía 125.024 ações.

Gráfico 19 – Dividendo por ação do Banco Rendimento – 2012 a 2017 – Em (R$)

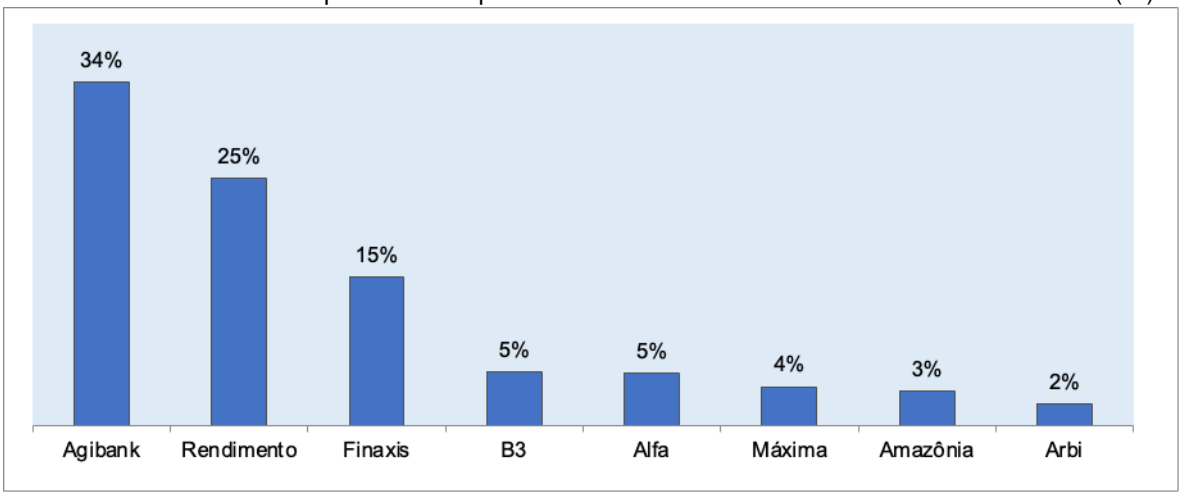


Fonte: Banco Rendimento. Elaboração própria.

4.3.3 Retorno sobre patrimônio liquido

Este índice demonstra qual foi o retorno que os proprietários vão obter em função do investimento, ou seja, mostra que para cada R$1,00 de patrimônio líquido o quanto cada acionista vai receber.

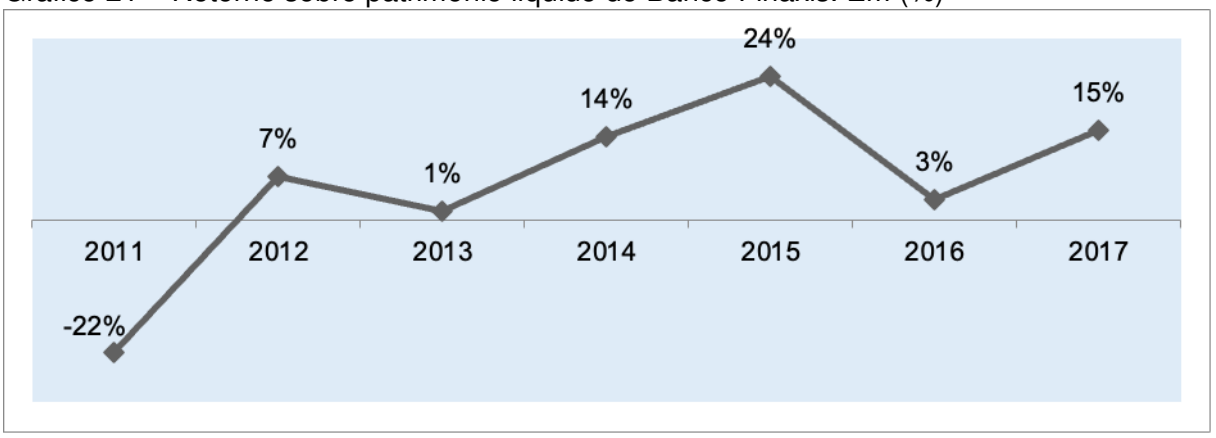
Gráfico 20 – Retorno sobre patrimônio líquido dos bancos comerciais brasileiros em 2017. Em (%)



Fonte: Elaboração própria.

Neste índice o Banco Agibank é o que mais possui retorno sobre o patrimônio líquido no ano de 2017, isto quer dizer que a instituição utiliza de forma eficiente seus ativos para produzir lucro. Em relação aos gráficos os bancos Agibank e Arbi só possuem dados do ano de 2014 em diante não sendo possível assim realizar o gráfico com a série completa. O gráfico a seguir mostra o retorno sobre patrimônio líquido do Banco Finaxis entre 2011 a 2017.

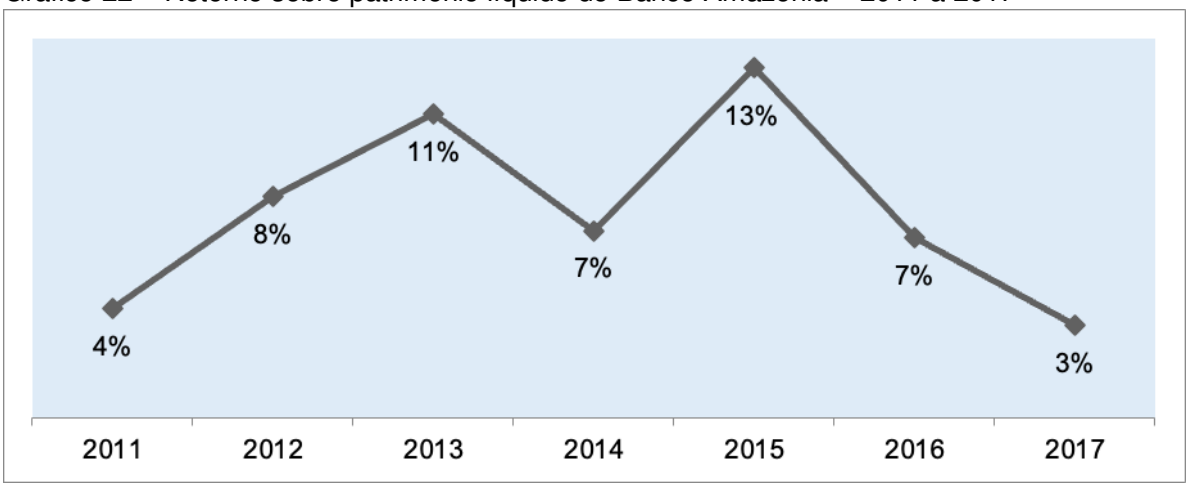
Gráfico 21 – Retorno sobre patrimônio líquido do Banco Finaxis. Em (%)



Fonte: Banco Finaxis. Elaboração própria.

O Banco da Amazônia foi o segundo a ter o menor índice, no ano de 2017 a instituição conseguiu apenas 3% de retorno sobre o patrimônio líquido, demonstrando que os proprietários não irão obter desejo esperado.

Gráfico 22 – Retorno sobre patrimônio líquido do Banco Amazônia – 2011 a 2017



Fonte: Banco da Amazônia. Elaboração própria.

4.4 INDICADORES FINANCEIROS DE LIQUIDEZ

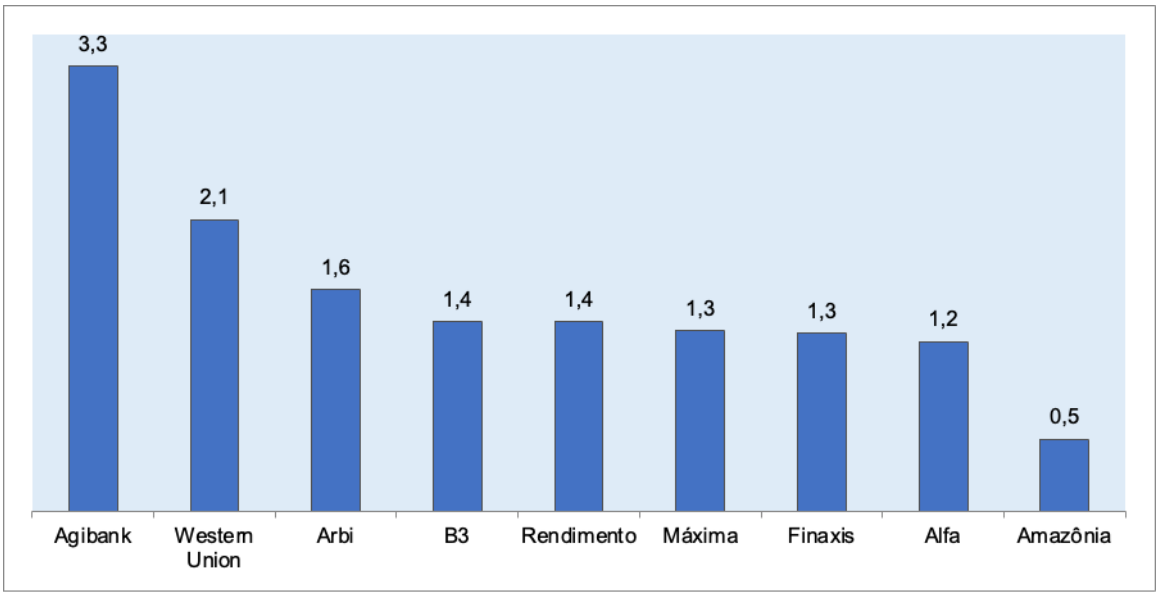
4.4.1 Índice de liquidez corrente

A liquidez de uma instituição significa sua capacidade de cumprir as obrigações em curto prazo, no presente trabalho foi abordado somente o índice de liquidez corrente, por conter dados mais consistentes. O índice de liquidez de acordo com Ross (2002, p. 47) “[...] deve ser calculado para vários anos, para que se adquira

alguma perspectiva história, e deve ser comparado aos índices de liquidez corrente de outras empresas de setores semelhantes".

O índice igual ou maior a 1.0 é considerado aceitável e demonstra que a empresa possui capacidade para quitar suas obrigações e ainda pode gerar excedentes. O índice menor que 1.0 demonstra que para quitar suas obrigações a empresa não possui saldo suficiente. Na análise do gráfico é possível perceber que a maioria dos bancos conseguem quitar as suas obrigações, apenas o Banco da Amazônia fica com o índice de liquidez bem abaixo do esperado.

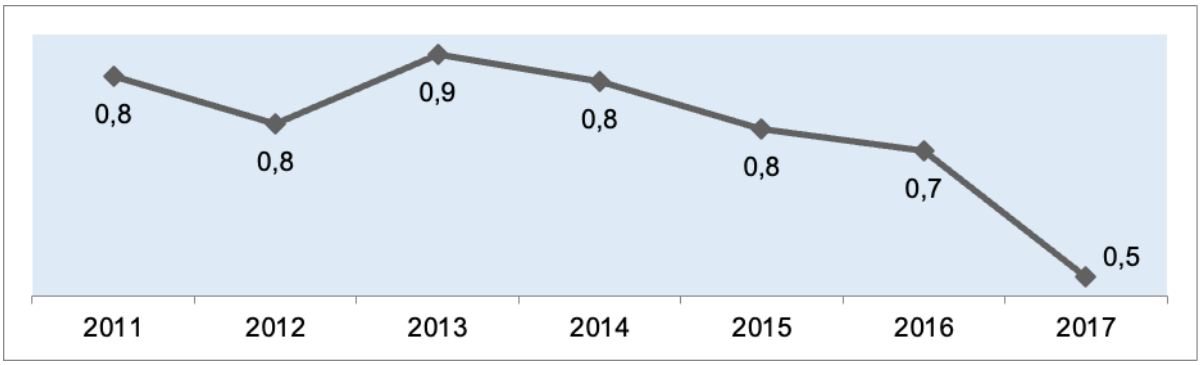
Gráfico 23 – ILC médio dos bancos comerciais brasileiros em 2017



Fonte: Elaboração própria.

No gráfico a seguir é possível perceber que o Banco da Amazônia ao longo da série histórica não consegue arcar com suas obrigações, seus índices estão menores do que 1.0. Nota-se que a partir de 2013 o índice vem decaindo, de 2016 para 2017 o banco diminuiu o seu índice em 35%, ou seja, os valores do seu passivo circulante estão maiores que o ativo circulante, isso significa que o Banco da Amazônia não tem disponibilidade suficiente para pagar as suas obrigações a curto prazo.

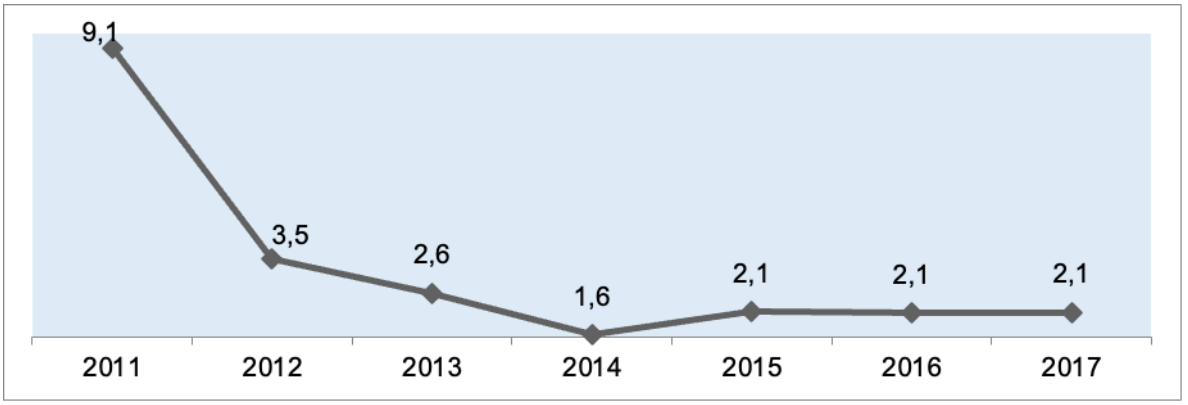
Gráfico 24 – ILC do Banco da Amazônia - 2011 a 2017



Fonte: Banco da Amazônia. Elaboração própria.

O banco com maior ILC no ano de 2017 é o Banco Agibank, esse banco não será analisado, pois seus dados são a partir de 2014. O Banco Western Union também se mostra um banco que consegue arcar com suas obrigações, conforme o gráfico a seguir, ou seja, o seu ativo circulante está maior que o seu passivo circulante.

Gráfico 25 – ILC do Banco Western Union - 2011 a 2017



Fonte: Banco Western Union. Elaboração própria.

Após a análise através da aplicação dos indicadores pode-se perceber que a análise financeira permite ao banco a melhor tomada de decisão e o melhor desempenho operacional. Os bancos utilizam capitais de terceiros para manter suas atividades, portanto, um banco com índices satisfatórios retém clientes e estes confiam em manter seus recursos e realizar investimentos obtendo assim o retorno esperado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho procurou-se estudar a viabilidade dos bancos comerciais brasileiros através da análise dos indicadores financeiros de rentabilidade, liquidez e endividamento no período de 2011 a 2017, a presente pesquisa realizou a análise financeira dos seguintes bancos: Amazônia, B3, Alfa, Arbi, Agibank, Finaxis, Máxima, Rendimento, Western Union e diante disso foi possível analisar a situação financeira dos bancos comerciais brasileiros atualmente. Além disso, foram realizadas entrevistas com os economistas Melissa Modeneze e Eduardo Araújo.

A análise econômica e financeira de uma gama de instituições bancárias é um trabalho exaustivo que exige conhecimento técnico, coleta e estudo de inúmeros dados existentes, tendo em vista a quantidade de informações financeiras existentes. Houve dificuldade quanto às disponibilizações de relatórios financeiros de alguns bancos, apesar disso, foi possível realizar a análise, todos os valores foram corrigidos para o ano base de 2017 para comparação sem que ficassem distorcidos pela inflação.

Diante da análise foi possível perceber que o banco com maior destaque foi o Banco B3. Na análise do lucro líquido foi diagnosticado que nos últimos anos alguns bancos vêm conseguindo manter um resultado satisfatório, há bancos com resultados expressivos, como o B3, como há bancos que vêm apresentando resultados negativos ao longo dos anos, como o Banco Máxima. No índice da Basiléia os bancos também estão acima do que o Banco Central do Brasil exige, o único abaixo no último ano foi o Banco Máxima.

Quanto aos indicadores de endividamento os bancos possuem valores elevados de capital de terceiros em suas atividades. Nos índices de rentabilidade muitos bancos não têm demonstrado serem muito rentáveis, tanto no lucro por ação quanto no dividendo por ação, apenas o Banco Rendimento é destaque, os demais bancos operacionalizam com resultados menos expressivos de lucros e dividendos, o Banco Arbi, por exemplo, pagou um lucro por ação bem próximo de zero, nesta variável é importante considerar fatores como o valor do lucro líquido, podendo ser

positivo ou não, bem como a quantidade de ações, alguns bancos tem pouco lucro e muita ação, assim como há bancos que possuem muito lucro e pouca ação, como foi o caso do Banco Rendimento, podendo assim pagar valores consideráveis. No retorno sobre o patrimônio líquido dos bancos no ano de 2017 a maioria possuiu retorno baixo.

Na análise de liquidez do período os bancos demostram capacidade de pagamento frente as suas obrigações, mas apenas o Banco da Amazônia não conseguiu arcar com essas obrigações, o banco apresenta valores maiores nas contas do passivo do que na conta do ativo, contribuindo assim para uma liquidez baixa.

Os bancos comerciais estão presentes no cotidiano das pessoas desde a chegada da família real no país em 1808, esses foram os primeiros a surgir e ao longo dos anos vieram sofrendo transformações, mas ainda assim continuam presentes no sistema bancário. Ao longo do trabalho foi possível perceber a importância de um banco comercial para a economia, pois é o principal captador de depósito à vista.

De acordo com essas análises, foi notório o fato de que há bancos comerciais que conseguem maior destaque dentro do sistema bancário, como o B3, assim como há bancos comerciais que mantêm pouco destaque, como o Banco Arbi. Apesar das transformações que ocorreram ao longo dos anos, como a criação dos bancos múltiplos que levou ao desaparecimento de muitos bancos comerciais e as crises econômicas, esses ainda continuam presentes no mercado.

Os bancos comerciais devem estar sempre se adaptando a novas mudanças, tendo em vista que possuem como concorrente os bancos múltiplos, é importante destacar que as transformações no sistema bancário sempre irão acontecer, pois a economia e as exigências do cliente mudam a cada instante. Como dito pelos economistas entrevistados, Melissa e Eduardo, atualmente o mercado de bancos digitais, fintechs e corretoras de valores vêm crescendo consideravelmente, nos dias de hoje grande parte dos serviços bancários estão sendo feito por meio da internet e com taxas mais atrativas.

Os clientes estão buscando a desburocratização e agilidade nos serviços bancários, então os bancos precisam se adaptar as essas novas mudanças, principalmente o banco comercial, que segundo a economista Melissa, está perdendo seu espaço no mercado em virtude dessas transformações e que futuramente há chance dos bancos comercias deixarem de existir e se transformarem em bancos múltiplos ou bancos digitais, tendo em vista que um banco múltiplo tem muito mais opções de serviços e o cliente quer fazer tudo em apenas um banco.

De acordo com as pesquisas realizadas e as análises feitas é possível refletimos sobre o futuro dos bancos comerciais brasileiros. Antes da reforma bancária em 1964; criação dos bancos múltiplos em 1988 e as crises que impactaram o país existiam muitos bancos comerciais, e com o passar dos anos foram diminuindo drasticamente, isto nos leva a uma reflexão, o que será desses bancos daqui a 20 ou 30 anos? Haverá mercado para eles?.

O mercado atual está muito desenvolvido tecnologicamente e cada vez mais os clientes querem praticidade para serviços e produtos bancários, desse modo, podemos dizer que é possível que os bancos comerciais possam continuar reduzindo no decorrer dos anos, mas que é difícil dizer que irão desaparecer, pois haverá sempre uma parcela do mercado em que os bancos comerciais irão atender.

Esses ficaram restritos a pequenas parcelas, enquanto os bancos múltiplos atendem e atenderão a todos, os bancos comerciais atendem e atenderão a um grupo fechado de consumidores, daqui a 20 ou 30 anos o sistema financeiro poderá ter passado por novas transformações e a gama de consumidores será maior, desse modo, será possível os bancos existentes dividirem o mesmo espaço financeiro, cada um trabalhando com seu público alvo definido. Portanto, esse é um assunto que merece ser explorado por pesquisas futuras e que poderão utilizar diferentes indicadores, pois o sistema financeiro está em constante transformação

e é viável manter um prognóstico[48] do que acontecerá com as instituições que possuem mercados limitados.

REFERÊNCIAS

ANDREZO, A.F.; LIMA, I.S. **Mercado financeiro:** aspectos históricos e conceituais. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

Assaf Neto. **Estrutura e análise de balanços:** um enfoque econômico-financeiro. 12 ed. São Paulo: Atlas, 2014.

BANCO AGIBANK. **Central de resultados.** Disponível em: <https://ri.agibank.com.br/pt-br/informacoes-aos-investidores/central-de-resultados/>. Acesso em 05 set. 2018.

BANCO AGIBANK. **Quem somos.** Disponível em: <https://www.agibank.com.br/sobre/quem-somos>. Acesso em: 20 out. 2018.

BANCO ARBI. **Relação com investidores**. Disponível em: <https://www.bancoarbi.com.br/ri.html>. Acesso em: 03 set. 2018.

BANCO ALFA. **Informação aos acionistas.** Disponível em: <https://bancoalfa.com.br/investimentos/home/informacoesaosacionistas.ashx.> Acesso em: 01 set. 2018.

BANCO B3. **Divulgação de resultados**. Disponível em: <http://ri.bmfbovespa.com.br/ptb/s-6-ptb.html?idioma=ptb>. Acesso em: 03 set. 2018**.**

BANCO B3. **Quem somos.** Disponível em: <http://www.b3.com.br/pt_br/b3/institucional/quem-somos/>. Acesso em: 19 out. 2018.

BANCO BNY MELLON. **Perfil do país.** Disponível em: <https://www.bnymellon.com/br/pt/perfil-do-pais.jsp>. Acesso em: 20 out. 2018.

BANCO CREFISA. **Institucional.** Disponível em: <http://www.crefisa.com.br/crefisa>. Acesso em: 20 de out. 2018.

BANCO DA AMAZONIA. **Demonstrações financeiras completas**. Disponível em: <http://www.bancoamazonia.com.br/index.php/component/jdownloads/viewcategory/48-demonstracoes-financeiras-completas?Itemid=608>. Acesso em: 02 set. 2018.

[48] Previsão baseada em fatos ou dados reais e atuais.

BANCO FINAXIS. **Informações Financeiras**. Disponível em: <http://finaxis.com.br/quem-somos/informacoes-financeiras/>. Acesso em: 03 set. 2018.

BANCO FINAXIS. **Quem somos.** Disponível em: <http://finaxis.com.br/quem-somos/historico/>. Acesso em: 20 de out. 2018.

BANCO KEB HANA. **O banco.** Disponível em: <http://bancokebhana.com.br/o-banco/>. Acesso em: 19 out. 2018.

BANCO MÁXIMA. **Informações Financeiras**. Disponível em: <https://www.bancomaxima.com.br/informacoes-financeiras/>. Acesso em: 05 set. 2018.

BANCO MÁXIMA. **Quem somos**. Disponível em: <https://www.bancomaxima.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 20 out. 2018.

BANCO RENDIMENTO. **Quem somos.** Disponível em: <https://www.rendimento.com.br/institucional/quem-somos/>. Acesso em: 20 out. 2018.

BANCO RENDIMENTO. **Informações Financeiras**. Disponível em: <https://www.rendimento.com.br/institucional/informacoes-financeiras/>. Acesso em 04 set. 2018.

BANCO WESTERN UNION. **Relatórios.** Disponível em: <http://www.corretorawesternunion.com.br/relatórios/>. Acesso em: 18 set. 2018.

BRASIL. Banco Central do Brasil. **Atualização mensal de dados.** Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/?SFNATUALMES>. Acesso em: 06 ago. 2018.

BRASIL. Banco Central do Brasil. **Composição e segmentos do Sistema Financeiro Nacional**. Disponível em:<https://www.bcb.gov.br/pre/composicao/composicao.asp>. Acesso em: 06 ago. 2018.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição [da] República Federativa do Brasil.** Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Banco Central do Brasil. **Relação de instituições em funcionamento no país**. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/fis/info/instituicoes.asp?idpai=INFCAD>. Acesso em: 08 ago. 2018.

BRASIL. Banco Central do Brasil. **Sistema Financeiro Nacional**. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/pt-br/#!/n/SFN>. Acesso em: 06 de ago. 2018.

BRASIL. Lei n° 4.595, de 31 de dezembro de 1964. Dispõe sobre a Política e as Instituições Monetárias, Bancárias e Creditícias, Cria o Conselho Monetário Nacional e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 31 jan. 1965. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L4595.htm>. Acesso em 06 ago. 2018.

BRITO, O. **Mercado Financeiro:** estrutura, produtos, serviços, riscos, controle gerencial. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

CISÃO. Disponível em:< https://www.dicio.com.br/cisao/ >. Acesso em: 10 out. 2018.

COMISSÃO DE VALORES MOBILIARIOS. **Sobre a CVM.** Disponível em: <http://www.cvm.gov.br/menu/acesso_informacao/institucional/sobre/cvm.html>. Acesso em: 06 ago. 2018.

CORAZZA, G. Passado e futuro dos bancos comerciais**. Ensaios FEE**, Porto Alegre, v.21, n.1, p.101-118, 2000.

CORAZZA, G. **Crise e reestruturação bancária no Brasil.** Rio Grande do Sul, 2000.

CYSNE, P. R; FARIA, L. F. V. de; **Sistema financeiro brasileiro: diagnóstico e reformas requeridas.** Rio de Janeiro: FGV, 1997. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/831/000317912.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2018.

FORTUNA, E. **Mercado Financeiro:** produtos e serviços. 21. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2017.

FORTUNA, E. **Mercado Financeiro:** produtos e serviços. 19. ed. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2013.

GARCIA, M. G. P. FERNANDES, E. **Regulação e Supervisão dos Bancos Comerciais no Brasil**, Rio De Janeiro, 1993. Disponível em: <ftp://139.82.198.57/mgarcia/Papers/Papers/!REGBANC.OS-.doc>. Acesso em: 23 mai. 2018.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GITMAN, L.J. **Princípios de administração financeira.** 10. ed. São Paulo: Addison Wesley, 2004, p. 42 - 55.

GITMAN, Lawrence J. **Princípios de administração financeira.** 12ª ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

GREMAUD, A. P.; VASCONCELLOS, M. A. S. de; TONETO JR, R. **Economia Brasileira Contemporânea**. 7.ed. São Paulo: atlas, 2009.

LAKATOS, E.M; MARCONI, M.A**. Fundamentos de metodologia científica.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCARINI, J.P. **A política bancária do regime militar:** o projeto de conglomerado (1967-1973). São Paulo, 2007.

METZNER, Talita Dayane; MATIAS, Alberto Borges. **O setor bancário brasileiro de 1990 a 2010**. Manole, 2015.

MULLER, E. Moeda e bancos no Rio de Janeiro no século XIX. **Instituto de Economia.** Rio de Janeiro, 2004.Disponível em: <http://www.ie.ufrj.br/eventos/seminarios/pesquisa/moedas_e_bancos_no_rio_de_janeiro_no_seculo_xix.pdf>. Acesso em: 15 set. 2018.

OLIVEIRA, Raquel de Freitas; SCHIOZER, Rafael Felipe; LEÃO, Sérgio. **Atuação de bancos estrangeiros no Brasil:** mercado de crédito e de derivativos de 2005 a 2011. Banco Central do Brasil, 2012.

PAULA, L.F de; FARIA, J. A de. **Eficiência do setor bancário brasileiro por segmento de mercado:** uma avaliação recente. Associação Nacional dos Centros de Pós-Graduação em Economia, Rio de Janeiro, [2000?].

RESERVA ESTATUTÁRIA. Disponível em: <http://www.portaldecontabilidade.com.br/guia/reservalucros.htm>. Acesso em: 20 out. 2018.

RIPPEL, J. C. B. **Sistema Financeiro Brasileiro**. 2002. Monografia. Faculdade Candido Mendes, Rio de janeiro.

RODRIGUES, A. L**. Bancos comerciais nos anos oitenta:** um estudo exploratório sobre o papel da automação nas estratégias mercadológicas do setor. São Paulo: FGV, 1994.

ROSS, S.A; WESTERFIELD, R; JAFFE, J.F. **Administração financeira**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2002, p, 48.

SILVA, J. P. **Análise Financeira das Empresas.** 9. ed. São Paulo: Atlas, 2008

SILVA, S. W. et al. O Sistema Financeiro Nacional Brasileiro: contexto, estrutura e evolução. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, Três Corações, v. 14, n. 1, p. 1015-1029, jan/jul. 2016. Disponível em: < https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5893047.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2018.

SUPERINTENDENCIA DE SEGUROS PRIVADOS. **Apresentação.** Disponível em: <http://www.susep.gov.br/menu/a-susep/apresentacao>. Acesso em: 06 ago. 2018.

VIEIRA, J.A.G; PEREIRA, H.F.S; PEREIRA, W.N.A. Histórico do Sistema Financeiro Nacional. **Revista científica e-locução**. Minas Gerais, v1. n. 2. p. 146-162.